

OBRAS POSTHUMAS

DE

A. GONÇALVES DIAS

PRECEDIDAS DE UMA NOTICIA DA SUA VIDA E OBRAS PELO

Dr. ANTONIO HENRIQUES LEAL

Theatro

BEATRIZ CENCI
LEONOR DE MENDONÇA
PATKULL — BOABDIL

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

109, RUA DO OUVIDOR, 109 | 6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
RIO DE JANEIRO | PARIS

Sendo os dramas — *Patkull e Beatriz Cenci* — que constituem este volume, ensaios da mocidade do poeta, escriptos aos 20 annos, sob o enthusiasmo da escola romantica, quando imperavam a *Torre de Nesle*, a *Lucrecia Borgia*, e outras composições deste genero, não podia o autor, apezar de seu talento e genio inspirado, eximir-se de pagar tributo ao gosto e ás tendencias da sua época. Deve-se, pois, tomal-os como tentativas, e aprecial-os mais pelo estylo e lances poeticos que os embellesam, do que como obras que immortalisem o poeta.

A.H.L.

S. Luiz — 12 de Julho — 1868.

PATKULL

DRAMA DO ANNO DE 1707

1843

A scena passa-se no ducado de Makelembourg no 1.º e 2.º acto; no primeiro quadro do 3.º acto — em Dresde; no segundo quadro do 3.º acto e seguintes em Casemir, junto de Posen, na Polonia.

A....

Eu quizera ter feito uma obra immortal, para que na fronte della gravasse indelevel o teu nome, como no frontespicio de um templo se grava o nome da Deusa a que se consagra ;

Ou antes — eu quizera traduzir para a linguagem dos homens tudo quanto sinto por ti de amor purissimo e de enlevos melindrosos. E este livro seria uma formosa *Iliada*, do que ha na terra de mais douradas esperanças, do que ha no céo de mais angelicamente venturoso; —

— Assim eu t'o offerecera.

Mas se eu não posso tanto — guarda ao menos para lembrança minha este livro, sobre que derramaste algumas lagrimas de sympathya.

E possas tu em lendo esta minha obra para o futuro, quando a minha voz não responder a tua voz, por me ter eu partido para longes terras — encontrar nella alguma cousa que te diga — que eu te amava como Patkull a Romhor, e que o meu amor, como o delle, só acabará com a minha vida.

Novembro de 1843.

ACTO I

PERSONAGENS

PATKULL, *gentilhomen da Livonia.*

PAIKEL, *alchimista.*

NAMRY ROMHOR, *noiva de Patkull.*

BERTHA, *namorada de Paikel.*

WOLF, *pagem.*

UM CRIADO.

ACTO I

*Uma sala em casa de Namry Romhor — uma porta
no fundo — portas lateraes — mobilia da época.*

SCENA I

NAMRY ROMHOR *sentada ao pé de uma mesa — e*
BERTHA

NAMRY

Que horas são, Bertha?

BERTHA

Ainda ha pouco anoiteceu, minha senhora.

NAMRY

Ainda ha pouco! pesado e triste corre agora o
tempo, como um velho enfermo e lento! (*Pausa.*)
Chove?

BERTHA

Não, minha senhora, não; neva sómente. (*Che-
gando-se á janella e correndo um pouco a cortina.*)
Se quizesseis chegar a esta janella, verieis que mages-
toso espectáculo não é prolongar os olhos por esta
planicie, que se estende a perder de vista, toda pra-
teada, e luzindo um pouco com a luz pallida e vaci-
lante da lua... tão bello... que prazer não é ver estes

flócos de neve, que vem descendo sobre a terra e lento e lento! quereis vir, senhora?

NAMRY, *como fallando comsigo.*

Houve um tempo em que a vida tambem para mim corria fagueira e leve. — Minhas noites eram cheias de sonhos de innocencia e de ventura... Meus dias tranquillos e felizes. — Nada mais desejava — ou brisa ou tempestade sempre acharam meu coração venturoso e o prazer que se me ria nos labios! E hoje?!... Quem me déra ver-me longe deste céo tristonho — destas nuvens carregadas — desta atmosphaera de máo agouro.

BERTHA

Perdoai, senhora — mais eu pensava que em parte nenhuma seria melhor a vida que na terra, em que a provamos. Tem encantos a terra, onde na infancia gravamos passos mal seguros — tem encantos os sitios, que nos recordam dias mais felizes, que todos nós gozamos — rico ou pobre — : o céo que nossos olhos primeiro encontraram ; o sol que nos affagou no berço, como olho vigilante de mãe; e a lingua que nós fallamos — e que outra lingua nunca pôde supprir!

NAMRY

Assim pensei, Bertha, assim pensei, e quem então me dissesse que este seria o meu desejo de hoje, certo que em mim não acharia credito. Mas eu já tenho sobejos motivos para ser triste, para mais os desejar. Queria alguma cousa que me distrahisse! queria ver essa terra tão antiga, e que mais que as outras, dizem bella, onde reina continua primavera, onde o céo rutila sempre grande, onde a noite equivale aos nossos

dias! queria ver essa terra! Napoles, a cidade afortunada, com seu vulcão fumegando noite e dia; com seu golpho tão risonho e pittoresco; Veneza, a cidade de encantos e prodigios, onde de continuo se escuta ao longe o triste cantar dos gondoleiros, e a barca que passa silenciosamente com o seu fanal na prôa, e o mascara de traje oriental, que se perde na arcadaria de um palacio inhabitado; talvez que então pensasse menos sobre mim, Bertha; e seria ainda uma fortuna.

BERTHA

Sois infeliz?!

NAMRY

Infeliz?! vês tu que daria meus titulos de não sei quantos avós — meu ducado que vale um reino — minhas terras, minhas joias — meu brazão — tudo o que me cerca de adulações, de lisonjas, de galanteios — tudo — tudo — e até o meu nome, para que me chamasse simplesmente — Bertha. Foi meu nome quem me trouxe a desventura! Na tua classe não ha preconceitos de nomes, de brazões; não ha lei dura e inflexivel da vontade de um pai severo e orgulhoso. Não ha nada —, nada absolutamente nada: porque são menos os preconceitos, quanto mais se approximam da terra, e alguns palmos abaixo nem uns!

BERTHA

Mal peccado que já fiz tão negra experiencia e não descí de tão alto. Crêde-me, senhora. — amargo é o pão do infortunio e da sujeição. É viver para os outros e não para si. — Não é de mim que eu fallo — amavel para com todos muito mais o foste para comigo — e tanto que mais lagrimas me fez derramar a vossa bondade, que meu infortunio. Mas soffrer insulto e

reprehensões, sempre curvada e humilhada aos pés do mais rico. — Sempre de um para outro senhor — sem esperanças de melhor sorte, nem mingoadas — nem ao longe — muito ao longe — no extremo de uma vida de espinhos e de soffer — oh! que é uma vida bem triste esta assim vivida!

NAMRY

Tambem tu, Bertha? (*Reflectindo um pouco.*) Vem cá — senta-te bem perto de mim..... Estimo saber que és infeliz, Bertha; por egoismo? que importa? Todo este bulicio de prazer e de alegria me pesa no coração — todo este arruido de passos, de vozes, todos estes cantos de amor e de esperanças, me desesperam por que ja não tenho amor nem esperanças! Não me interrompas... afflige-me tudo isto que me cérca, que me parece respirar ledice e contentamento; e eu só no meio de tudo isto?! Estimo saber que és infeliz. — Eu precisava d'algumem que me pudesse comprehender: preciso desabafar o que trago no coração, e que me tortura todos os momentos da vida. — Felizmente que te encontrei!

Contar-me-has tuas penas a eu te confiarei as minhas. — Ao menos no infortunio seremos irmãs.

BERTHA, *com a mão sobre o coração.*

É meu segredo; não me póde livrar dos desgostos porque tenho passado, mas póde poupar os novos.

NAMRY

Não tens ainda em mim bastante confiança?! É que tu não sabes o que é guardar um segredo no mais fundo d'alma. Um segredo, que é o pensamento de todos os dias, de todos os instantes, que nos prende alma e coração — que nos mina e consome a exis-

tencia, que nos esmaga e a martyrisa-o. Fallarei eu, Bertha; fallarei; — por que tenho necessidade de dizer o que encerra o meu pobre coração — fallarei, por que preciso de um peito sobre que possa derramar as lagrimas, que já não posso sorver. Escuta-me. Outra que não fosse eu daria graças á sua boa estrella por lhe ter deparado com o amor de Patkull. — É um homem patriota e nobre. Os reis se calaram na sua presença por que a sua voz era de verdade e consciencia. Seus inimigos o temeram na guerra, porque o seu braço era de ferro e sua vontade inflexivel. — Os seus compatriotas o adoram por que sacrificou por elles seus bens, que um rei invejaria, e o seu futuro, que promettia ser tão brilhante. E no exilio, na probeza immerecida, no meio de quanto aviltamento lhe podia arremessar a Suecia, sempre se ouviu a sua voz que chamava os seus patricios á liberdade, mais forte que a destruição de reinos e monarchias — do que o barulho das armas de Carlos XII — Pedro I e do rei Augusto. E este homem trocou tudo por mim. Meu pai, a quem elle mais que uma vez salvou a vida no meio dos combates me pediu no seu leito de morte, que lhe pagasse esta divida de reconhecimento e de amizade. E eu prometti, Bertha; prometti por que já tinha dado bastantes desgostos a meu pobre pai, para lhe negar este ultimo pedido ao despedir-se da vida — por que não queria que o pobre velho sahisse do mundo desesperado, com a maldicção a esvoçar nos labios quando elle julgava grangear-me um nome e um apoio.....

E no emtanto eu nunca amei este homem, que tanto me ama. Seus extremos me enfastiam; e na minha consciencia sinto de lhe não poder dar amor em troca d'amor tamanho. (*Baixo.*)

Eu amo a outrem, Bertha ; a outrem com quem vivi os primeiros annos da minha vida, a outrem com quem troquei amor e juramentos, a outrem com quem talvez me não casasse ainda não havendo estes impedimentos, por que meu pai lhe negou a minha mão, e o chamou de cara um cavalleiro, que deslustrava a sua nobreza com essa arte diabolica de Alchymia. Elle calou-se — Paikel.....

BERTHA, *indo para se levantar.*

Paikel?!

NAMRY, *como admirada.*

Paikel, sim, conheces-lo?..... (*Encarando-a.*)

BERTHA, *sentando-se.*

Nada ; não, minha senhora ; parecia-me que já tinha ouvido pronunciar esse nome ; não sei por que me vem elle agora á memoria !

NAMRY, *observando-a.*

Paikel calou-se. N'esse instante agradecei sinceramente essa delicadeza da parte delle : julguei então generosidade o que agora me vem em duvida de cobardia.

BERTHA

Dizem-n'o valente !

NAMRY

Elle desamparou-me, fugiu vergonhosamente sem mais se dar de mim !

BERTHA

Presumio talvez que as palavras do pai não eram sem o consentimento da filha !

NAMRY

Talvez ! porém, quem tão breve se esquece de quem ama — quem assim a trahiui, tambem se esquecerá e trahirá o seu amigo.

BERTHA

Elle é nobre.

NAMRY, *mais forte.*

Elle jogaria o ducado de seu pai ; venderia sua irmã se a tivesse ; seu brazão, se alguma cousa lhe rendesse para as consumir na suas diabolicas experiencias — é um infame !

BERTHA

É um homem honrado.

NAMRY, *rindo-se.*

Melhor o conheces que dizias — Bertha ! e bastante interessas por elle — vai — outro dia me contarás a tua historia. (*Bertha sahe. Olhando-a sahir.*) Tambem o ama — minha criada, minha rival!... (*Assenta-se e fica pensativa.*)

(*Entra Patkull — manso — encosta-se á cadeira em que Namry está sentada. — Fica contemplando-a um pouco tristemente.*)

SCENA II

PATKULL

Sempre triste.

NAMRY, *sobresaltada e levantando-se.*

Snr. Patkull.

PATKULL

Por que me trataas tu por senhor? Entre amantes que breve serão esposos — tu — é um delicioso tratamento, que alimenta o amor e a confiança. — Senta-te, Namry (*Elle tambem se assenta.*) Vinha eu com o peito cheio de prazer e de contentamento, vinha ancioso por te ver, vinha feliz e venturoso — ao passar da tua porta — quando te vi tão triste e pensativa, tambem eu me entristeci contigo, e pensei que o amor de teu esposo mal suppriria o deserto, que teu pai te deixou no coração!

NAMRY

Meu pai era bom!

PATKULL

Nem eu te crimino o soffrimento: elle era meu amigo! senti a sua morte como se fôra a de um irmão, como se fôra a morte de um pai — bem que elle me deixasse um legado a que mal se exaltariam as minhas esperanças nas minhas noites de amor e de insomnia. Deixou-me a tua mão, que eu não accitaria por certo se julgasse que a devia sómente á obediencia.

NAMRY

És generoso, Patkull!

PATKULL

Por que me fallas tu em generosidade? quem te pede agradecimentos? Nada faço por ti, que o não deva fazer. — Olha, por vezes uma idéa de amor e de egoismo me atravessa o pensamento. Eu quizera conhecer-te aldeã humilde e simples — só — com a tua

pureza e formosura — e eu quizera ser o homem rico e poderoso por que tudo se curvasse ás tuas ordens, para que te pudesse transportar para um palacio de maravilha e de encantos, para que eu fizesse da tua vida um paraíso, e da minha alma um templo para a tua alma.

NAMRY

Tens mais do que eu te posso merecer. Teu amor é o amor, com que se adora a Deos, e aos anjos; é de mais para uma mulher que é uma fragil creatura.

PATKULL

Não é de mais para ti. — E comtudo eu te amo como neste mundo se pôde amar, como se ama a uma cousa pura e bella, como se ama uma flôr encantadora, como se ama o azul de um céu e de um lago, como se ama o sol e as estrellas — como se ama um instrumento, que se escuta no silencio da noite — como se ama o perfume e a harmonia, Assim é que eu te amo — mais do que te posso dizer, mais do que te posso explicar — mais do que pôde exprimir um pensamento, que é teu; uma pulsação do peito, que é tua. Oh! que não possa exprimir a linguagem do coração o fallar rude e franco de um soldado, que só tem vivido no meio do estrepito e da carnagem vida de movimento e de guerra. Oh! que não possa minha alma estalar este involucro de lodo, e trazer-me lá dos céos a expressão do que eu sinto por ti?

Namry, tu verias então o que é o amor deste homem já maduro e sério, e que até hoje tem conservado sua alma virgem de todo amor; e debalde teu pensamento se abismaria em sondar a profundidade desse seu sentir tão ardente, de que nem elle mesmo conhece a intensidade.

NAMRY

Tu amas muito, Patkull ! Esse teu amor me ame-dronta mais por ti que por mim.

Dizem que o pensamento do homem gravita sempre em torno de fantasmas e de illusões.

Pensa bem, Patkull. Talvez que n'um dia, mesmo antes do matrimonio, se perca o colorido dessas tuas chimeras de amor; — depois d'elle poderás achar que a vida domestica e prosaica é muito fria e insufficiente para uma alma sedenta de emoções, como a tua — seria de perder a razão o accordar repentinamente desse sonho; e a culpa seria tua por que foste tu quem o forjaste.

PATKULL

Como são feiticeiras essas tuas duvidas do coração! És o amor que o comprime, e tu julgas prudencia minguar-lhe a força e a intensidade. Não — não é chimera ver-te assim tão nobre e tão bella respirando melancolia e suavidade em todos os teus movimentoss. Não; não é illusão o fogo tão puro e tão expressivo, que dimana dos teus olhos. Não; não é frieza, que eu receio de ti. Quando te vi tão sentida e penalizada com a perda de teu pai; quando vi com quanto apego tinhas ligado tua vida á vida d'elle; então senti quamanha era a fonte de sensibilidade, que encerravas, quão forte e energico devia ser o teu amor, quando o tivesses — que cedo ou tarde despontaria; foi tambem então que comprehendi como a vida leve e graciosa se escoaria nas azas do tempo vivida a sós contigo e com o teu amor! Então amei: então comprehendi que havia outra felicidade que não o arruido de um campo de batalha: outra magia n'una voz de ter-

nura, que eu anciava, que no estrondo do canhão ou no estertor de moribundos, outra embriaguez, que não a da victoria: então comprehendi a vida que até ali mal podera decifrar: amei; e o tempo que dantes se arrastava vagaroso e lento — hoje passa sobre mim mal apercebido e todo concentrado no amor; e a vida me perece mais radiante e mais afortunada — assim — do que vista atravez duma atmosphaera de pó e de sangue; radiante e mais bella passada a sós comtigo.

NAMRY

Meu bom Patkull. (*Abraçando-o.*)

PATKULL, *Retendo-a nos braços — encara-a um pouco, como extasiado.*

Ainda ha pouco que eu teria nos labios um sorriso de compaixão e incredulidade para aquelle que me dissesse a embriaguez com que enleia os sentidos do homem um som argentino de voz, que dos ouvidos resvala ao coração, uns olhos, que entornam em nossos olhos magico fluido de amor; uns braços, que nos cingem, que nos alteiam além da terra, uns peitos que fegosos contra nós palpitam. Não — tal não crêra; e hoje..... sinto por ti o que se não diz no fallar dos homens, no cantar dos bardos; uma cousa que na terra não tem nome, e que os anjos nos céos, entre o côro dos astros talvez modulem nas suas liras d'ouro, quando á virgem-mãe levantam incensos de louvores.

NAMRY

Patkull!

PATKULL

Assim! chama-me sempre por meu nome: nunca

o julguei tão lindo antes que a tua voz o pronunciasse. O teu..... mesmo o teu — me parece despido de encantos em comparação desse nome, que me enamora, quando tu o pronuncias — Patkull?! não — não era assim que tu dizias — Patkull!! não — não era assim. Donde roubas tu essa harmonia, que só encontro em ti? — Donde a roubas?! (*Pensando.*) Namry, ás vezes me pergunto na minha consciencia se não é possível que um anjo se transformasse em ser humano, conservando ainda resquícios da sua divindade; por que tu és meu bom anjo — Namry; paz do coração encontrei eu ao teu lado como no silencio de uma noite puramente bella. — Então pesa-me do tempo já passado, não por feitos máos; o que fiz foi bom, foi justo; mais por te não haver conhecido Namry — por que a flôr da minha mocidade desfolhei-a eu em tropeços e barrancos, — nas intrigas de gabinete e em luctas com reis, por que pouco tempo me resta para viver, por que em um dia meus cabellos apparecerão brancos como a neve, que embranquece o pincaro de um rochedo n'um dia — ao principiar do inverno; por que eu me tornarei velho e curvado com o peso dos annos e dos trabalhos, quando tu brilharás com todo o esplendor da tua belleza, com todo o fogo dos annos e da mocidade.

NAMRY

Estás triste, Patkull? triste por que te afundaste em recordações do passado?! Meu amigo, quem de nós que elevar o sudario desse morto não encontrará debaixo d'elle um pezar e um desacorsoamento?! quem de nós?! Temos todos nossos pezares; bem felizes quando nossos amigos os comprehendem e nos podem consolar! Eu soffri muito; derramei lagrimas

tristes em silencio e no retiro; meu pezar — tinha — e no peito; cancei-me de soffrer sósinha, disse-o a alguém; não achei piedade nem sympathia; mas fui sobejamente recompensada; achei uma traição — innocente por que fui eu quem a provoquei. Breve seremos unidos, Patkull; talvez que a mulher saiba cumprir melhor os deveres de esposa, do que a amante a de namorada. Então esqueçamo-nos do que foi, e que em breve não tornará a voltar.

PATKULL

Em bem que não voltará! Assim tambem se podessem abismar no esquecimento recordações do que amargurou nossa vida, a memoria sempre viva do que foi, e um brado continuo de vingança, que nos ferve n'alma e não passa do pensamento. Minha vida tem sido uma lucta contra o soffrimento, um contraste de miseria e de grandeza. Namry, não me recordo nem de jogos, nem de passatempos da infancia, nem de parceiros de folguedos, nem de passeios á margem d'um regato, ou a corrida afonosa e innocente por um prado florido entre flôres e verdura atraz de uma borboleta, ou de outro insecto brilhante — de nada d'isto me recordo, porque nada disto desfructei. Um dia, quando me entendi, estava n'um logar escuro e frio; era uma prisão de Estado; era funda a prisão, a terra lodosa e encharcada, e alguns mólhos de palha. Bem alto estava uma fresta, por onde enfiava um raio baço de sol de inverno. Ao meu lado uma mulher que seria bella em outros tempos, porém que eu via descorada e miseravel com as faces fundas, e o cabello enchovalhado e solto. Além, um homem — alto — magro — pallido — com os olhos vacilantes e lusentes, o cabello em desordem e braços cruzados. Seu rosto

mettia medo; ás vezes uma contracção nervosa lhe abalava o corpo inteiro, então seus cabellos se eriçavam, e cahiam pouco depois como arvores que o vento curva a seu bom grado; e os dentes rangiam e batiam com força como n'um acesso de febre. Era horrivel vê-lo assim, e comtudo tirante disso o dirias um espectro. Esse homem doido era meu pai, essa mulher morta, minha mãe e nada mais sei delles. E elles ambos me bradam vingança porque morreram ambos de fome; e eu ainda os não vinguei! Á noite, em alguma marcha forçada e silenciosa eu tenho visto essa visão, que caminha sempre diante de mim. — Quando deitado na tenda — á espera da batalha, um pouco repousava — ainda via essa visão. Quando comtigo, ainda me apparece a sombra de meu pai, que me pede contas do que fiz e do que poderia ter feito. Pois bem, Namry, eu direi como tu : esqueçamo-nos do que foi — esqueçamo—nos de tudo, seja nossa vida o amor — sejam nossos dias instantes de ventura — vivamos sós, só nós — E quando á noite me sentires ancioso e delirante com a fronte banhada em suor, e com o peito opprimido de um horrivel peso — tú me chamarás, não é assim? E eu acordarei n'um paraiso, acordarei feliz quando vir teus olhos sobre meus olhos; e um sorriso nos teus labios, e tua mão, que me enchuga as bagas de suor.

NAMRY

Patkull, meu amigo, porque te deixas levar destas idéas, que me aterrorisam? por que esses pensamentos de vingança? Não estás cansado de soffrer? — crê-me; é curta a vida para ser esperdiçada em odios e tormentos. Patkull, teu pai mesmo que agora resurgisse do sepulchro certo se doeria de ti — e te pedira o

perdão d'aquelles, que o maltrataram, por que se os martyres se recordam nos céos do que na terra padeceram, tambem se esquecem dos que o fizeram padecer; Patkull — esquece-te disso.

PATKULL

Eu já te disse, minha alma é tua; são teus meus pensamentos, minha vida é tua. (*Abraçados.*)

SCENA III

Os MESMOS e WOLF

WOLF

Snr. Patkull?

PATKULL

Entra, Wolf — entra — que novas trazes.

WOLF

É chegado o estrangeiro, que me dissestes conduzisse aqui — Aqui está e vos aguarda.

PATKULL

Dise-lhe que entre (*O pagem sahe.*) Namry, tinha-me esquecido de te prevenir disto, e comtudo era essa minha intenção quando te vim fallar. É um meu amigo. Diz que me traz noticias importantes, e que m'as quizera communicar em logar seguro. — Escolhi a tua casa : porque a minha, afóra este pagem, está cheia de espiões do rei Carlos.

NAMRY

Escusas pedir, quando podes mandar. — Faz o que e aprover — Patkull.

SCENA IV

Os MESMOS e PAIKEL, *vestido de jornada. Patkull vai recebê-lo, Paikel e Namry param encarrando-se.*

PATKULL

Entra, meu amigo — entra sem receios — certo que não me esperavas achar de companhia. — Entra! Que? dar-se-ha acaso que vos conheçais.

PAIKEL

Sim — conheço-a, porém é possível que outro tanto não aconteça á senhora Duqueza. As pessoas indifferentes usam deixar pouca impressão.

NAMRY

Bem vindo sejais, Snr. Paikel.

PATKULL

Melhor — estimo bem que a conheças, Paikel — estimo-o muito. Escusado será elogial-a; porque quem uma vez tratou com a Duqueza de Meckelembourg conhece quão insufficientes são as palavras para a retratar. — É minha mulher, Paikel.

PAIKEL

Tua mulher?!

PATKULL

Brevemente o será, e tão boa estreia foi a tua que assistirás aos desposorios do teu amigo — dar-me-has este prazer?

PAIKEL

Sim, sim, mas primeiro deixa-me congratular contigo pela tua boa fortuna; sê mais feliz do que eu; só a ti poderia eu dar parabens d'uma dita, que não pude gozar. (*Com intenção.*) Aceitareis meus parabens, senhora Duqueza?

NAMRY

Por que não, Snr. Paikel? De tão bom grado os déstes ao vosso amigo — tão francamente lhe cedestes uma fortuna, que poderia ser a vossa — dissestes — que seria faltar ao reconhecimento não vol-os aceitar — mil vezes obrigada, Snr. Paikel.

PATKULL

Basta de civilidades. Paikel, serás tão amigo da esposa como o és do esposo: e certo que algumas vezes te acontecerá esquecer-te das tuas locubrações scientificas e do ouro que procuras, quando topares com um verdadeiro diamante.

PAIKEL

Mas já te esqueceste, que tinha de te fallar?

PATKULL

Pelo contrario, lembro-me tanto que já pedi esta casa a Namry; estaremos aqui mais á nossa vontade, e como querias, longe de suspeitas.

PAIKEL

Bom será, porque é de segredo o que tenho de te communicar; e comtudo a senhora Duqueza poderá assistir á nossa pratica.

NAMRY

Ainda quando eu vos pudesse ouvir, sem duvida que tereis muito que vos dizer, depois de tantos annos de separação; assim estareis com mais franqueza. Se de alguma cousa careceres — chamarás, Patkull.

SCENA V

PATKULL, *vê-a sair.*

E um anjo, Paikel — esta mulher é um anjo de bondade e de candura.

PAIKEL

Dize antes que é uma Armida — Aqui estás tu novo Reinaldo, no teu jardim de encantos — a descancar das fadigas da guerra no seio da molleza e da voluptuosidade. E mal peccado, que eu não tenho o espeelho onde possas ver quanto cahiste de tão alto que estavas.

PATKULL

Tenho-o eu, Paikel; tenho no coração alegria e contentamento — tenho n'alma tranquillidade e descanso — tenho o amor que me embeleza todos os momentos da vida; sou feliz, e quem fosse meu amigo não me quizera ver desgraçado.

PAIKEL

É certo quanto me tinham dito!... e na minha consciencia, eu que te conhecia de bem perto, appellidei calumnia quanto de ti me diziam.

PATKULL

Fizeste mal. O que ha no mundo tão seguro e inalvelavel por que nos possamos constituir seus garantos? Não ha prudente que diga : deste pão não comerei : É uma palavra de verdade, entre todas as verdades que prega o Evangelho. A pouco tempo um rei desceu do throno ao cadafalso; e era um bom rei Carlos I. A arvore gigante, que do cimo de um rochedo derrama a sombra até á profundez do valle, em alguns momentos baqueia em terra mais humilde, que os arbustos, que a cercavam.

Que muito?

PAIKEL

Ha contudo um povo que te adora, e que pensa que o seu nome te faria estremecer na sepultura. Dize, Patkull, neste retiro não chegaram ainda aos teus ouvidos seus soffrimentos, não retumbou um grito desesperado — não ouviste teus irmãos, que te chamavam em auxilio?

PATKULL

Que mais querem de mim? Dei por elles quarenta annos da minha vida — sacrifiquei por elles meus bens e o meu repouso. Soffri por elles o degredo e traguei o negro pão de um mendigo : derramei por elles meu sangue no campo da batalha — que mais querem de mim?

PAIKEL

Fizeste muito, Patkull, mas não tudo. Quererias tu perder quanto tens feito? Que importa se por um instante livraste o escravo da colera de um senhor

impiedoso, se o deixas na mesma escravidão, mais dura porque incitaste as iras do senhor.

PATKULL

Que façam, como eu fiz.

PAIKEL

Porém tu eras só; sem familia, qualquer logar te offerecia uma patria; qualquer distracção um prazer.

Quererias tu, que todos abandonassemos nossos lares, nossas terras; e só com nossas familias e miseria, fossemos pelo mundo como uma tribu errante de judeus, esmolando um asylo?

PATKULL

Quem quer ser livre pejeja : Paikel, esqueçamo-nos delles.

PAIKEL

E elles se não esquecem de ti, Patkull. Eu vi por mais de uma vez uma Livonia, que mal balbuciava o nome de sua mãe, pronunciar o teu, como se fôra um nome de familia. Eu vi por mais de uma vez o mancebo que soffria a tortura sem lamentações, nem lagrimas, invocar o teu nome, como se fôra o nome de Deos. Mais de uma vez o velho calvo de cans venerandas, e de rosto engelhado, de quem tinham recrutado a filha para o leito de um Boiardo, e o filho para vir morrer nas guerras da Polonia, pronunciar teu nome como se por si só fôra uma vingança. — Patkull, um homem, que um povo venera tanto, é um homem grande. Mas o que despreza tantas preces, não merece tanto amor.

PATKULL

Por mais de uma vez tambem eu chamei por elles. Chamei-os para a victoria e liberdade; disse-lhes : te-reis armas e munições; forragens e mantimentos para uma — para mil campanhas; e elles ficaram frios e gellados, como se eu fallasse a um cadaver. — Não me falles nelles, Paikel, esse povo é um povo de cobardes.

PAIKEL

Tu mesmo o disseste : não ha prudente que diga : deste pão não comerei. Tu, que eras um lidador valente, cançaste — tu que eras um bom patriota, renegaste a tua patria, e a não teres dado tantas provas de ambas, os nossos vindouros poderiam pôr em duvida a tua coragem e o teu patriotismo. Não falles pois de coragem e patriotismo, que mal viste experimentada.

PATKULL

E que resultaria de me empenhar de novo em cousas de máo agouro?

PAIKEL

A gloria.

PATKULL

Foi a illusão dos meus primeiros amores; e por ella sacrifiquei minha vingança, que me devera ser sagrada. Sabes tu, Paikel, o que lucrei dos meus quaranta annos, com que a julgava sobejamente recompensada, — o nome de egoista. — Assim me chamaram uma caterva de escrivinhadores que formigam em todos os tempos e por toda a parte. — Disseram que se

eu soffria era por amor de mim! Almas pequenas, que não comprehendiam o sacrificio de um ao bem viver de muitos : Satyricos incoherentes e absurdos que me viam pôr em desleixo meus haveres e me chamaram — egoista! Quizesse eu permanecer tranquillo expectador da escravidão dos meus! pudesse eu cruzar os braços em vez de manejar espada ou pena, dignidades e honras, e favores cahiriam sobre mim como uma chuva de inverno. Oh! quão diversamente me julgava meu gracioso soberano Carlos XI —!

PAIKEL

E é de Carlos XI que data o teu favor no enthusiasmo dos teus irmãos. Certo que toda a Livonia extremeceu, como se ainda fosse a hora do seu livramento, quando te escutou conciso e forte expondo as regalias do teus compatriotas que a Suecia abocanhava como um povo de Ilotas. O oppressor mesmo não pôde negar um bravo de enthusiasmo e admiração aos 19 annos de tão leal representante.

PATKULL

E ainda se não tinha apagado o murmurio, que a minha voz fizera alevantar, quando um pregoeiro pelas ruas de Stokolm declarava Patkull — réo de lesa-magestade condemnado a ter as mãos cortadas; e o carrasco quebrava publicamente sobre um cepo meu braço tão nobre — e queimava os artigos do meu mandato tão applaudido! E tudo isto para que? Hoje os Livonios dormem tranquillos na sua ignominia e o fel da calumnia se derramou sobre o meu nome. Paikel, o homem pôde resistir a perigos e a embarços, porém não resiste á calumnia.

PAIKEL

O homem virtuoso geme da cegueira dos outros homens. Se a calumnia lhe ennegrece uma virtude — outra virtude que responda aos gritos da sua satanica victoria. — Ha uma cousa grande — Patkull — a virtude — ha uma cousa santa — o dever : — De ambas ellas nasce a gloria que dura mais que a inveja. — E ao homem que pesa suas acções no fôro da consciencia — pouco se lhe deve dar do maldizer dos perversos.

PATKULL

Deixemo-nos disso, Paikel!

PAIKEL

Pelo contrario, fallemos nisto!

PATKULL

Mas que queres tu que eu faça?

PAIKEL

Salva-os.

PATKULL

Salva-os?! Lindas palavras, Paikel, lindas palavras de tragedia, que parecem dizer alguma cousa e não dizem nada — salva-os?! (*Com impaciencia.*) Julgasse tu algum Deos, para que ao meu acêno se faça um mundo ou rebente agua de um rochedo. — Tua idade indica mais experiencia, Paikel!

PAIKEL

Salva-os; por que os podes salvar.

PATKULL, *pensativo.*

Como?

PAIKEL

E quererias tu fazel-o?!

PATKULL

Não é verdade que isto é uma simples conversação entre amigos?

PAIKEL

Um dia será pesado na balança da justiça eterna, não o bem que fizemos, mas o bem que poderíamos ter feito — Queres tu salvar teus irmãos?

PATKULL

Se a minha vida a mim só pertencesse de bom grado a dera ao primeiro que m'a pedisse. De sangue e bens fui sempre largo — Mas vês tu? eu prometti a um homem no acto mais solemne da vida — o da morte — defender sua filha, que eu amo, que sem elle ficou orphã, e ficaria viuva sem mim. Dei-lhe a minha palavra de cavalheiro a elle e a ella, e deixal-a penhorada, seria justificar a sentença de Carlos XII quando mandou ao carrasco espedaçar as minhas armas em praça publica.

PAIKEL

Dou-te a minha palavra que não ha risco nem perigo — terás o poder de um rei : queres tu salvar teus irmãos?

PATKULL

Falla.

PAIKEL

A Dieta de Varsovia declarou vago o trono da Po-

lonia : e por vontade de Carlos XII elegeu rei a Jaques Sobieski a quem devia pertencer o throno, se o throno da Polonia fosse hereditario. Jaques Sobieski e o principe Constantino aguardavam com impaciencia o mensageiro, que lhe trouxesse novas da sua eleição. Um dia, quando caçavam nas vizinhanças de Breslau — sahiram de emboscada 50 cavalleiros saxonios que os prenderam. — O chefe dos cavalleiros fui eu — tinhamos cavallos folgados e de muda; e assim os conduzi a Leipsick antes que em Breslau corresse a noticia de sua prisão. A Dieta não o pôde declarar incapaz de reinar porque ainda hontem o elegeu — não o podem destituir, porque nem lhe podem forjar culpas. Outra Dieta poderia revogar aquella — porém a pertinacia e inflexibilidade do rei Carlos não o deixarão mudar de proposito. E o reino ficará sempre nas mãos do rei Augusto. Talvez que Augusto pretenda fazer as pazes, porque a sua Saxonia tambem pára nas mãos do vencedor. Tleming assim m'o deu a entender; e eu o creio. O rei da Suecia tem já parte do seu acampamento dentro do imperio; presume-se que pretende desthronar tambem a casa d'Austria. Neste caso uma paz com a Russia torna-se necessaria; no turbilhão de tantos e tamanhos interesses a Livonia pouco avulta. Talvez por estes tratados se firme a sua liberdade, se houver um politico experto e diligente que a defenda; serás tu. — Se falhar a politica — 80:000 homens cobrem as fronteiras da Livonia — poderás pôr uma contradicção a Carlos XII; e será desfeito o tratado com a Russia. E então ver-te-has generalissimo de Grão Czar. — 80:000 guerreiros cobrem a Polonia palmo a palmo, e se vivos não a podermos defender, nossos cadaveres formarão uma muralha mais impenetravel, que as da China.

PATKULL

Muito bem, Paikel, e agora tenho de me ir apresentar á Carlos XI como ministro da Livonia?

PAIKEL

Não; irás a Dresde ter com Augusto — como plenipotenciario do Tzar Pedro — Imperador de todas as Russias.

PATKULL

E as provas?!

PAIKEL

Eil-as — É o diploma sellado com as armas do Imperio, e do proprio punho do Imperador.

PATKULL

Vamos : será o derradeiro esforço! Far-me-has tu um favor?

PAIKEL

Falla.

PATKULL

Ficarás aqui com Romhor.

PAIKEL

Patkull.

PATKULL

É um favor, meu amigo, porém que eu só de ti aceitará.

PAIKEL

És generoso.

PATKULL

Generoso?! tu brincas? Se o que ora vou fazer,

fosse por ti — seria falta de generosidade pedir como um salario do serviço não prestado, mas ainda assim eu te pediria o mesmo favor, que em iguaes circumstancias tambem t'o faria.

PAIKEL

Talvez que não!

PATKULL

Não m'o queres fazer?

PAIKEL

Não te posso dizer que não; mas se houvesse outro meio...

PATKULL

Já te disse que só de ti a fiava.

PAIKEL

Fico.

PATKULL

Obrigado, meu amigo (*Tocando uma campainha. Entra um pagem.*) Que é do meu pagem?

O PAGEM

Aqui está!

PATKULL

Dize-lhe que o chamo (*Continuando. — O pagem sahe.*) Não me posso despedir della, Paikel, que certo não partira — levo rasgado o coração por ter de a deixar, dize-lhe o porque parti — que não ha perigos, que não ha riscos, que breve serei della (*Entra Wolf.*) Wolf, eu parto, não sei quando serei de volta, tu aqui ficarás.

WOLF

Porque me não levais, Senhor?

PATKULL

Fica, Wölf; para nós ambos é melhor que fiques. — Ficarás com a Senhora Duqueza, e se alguma novidade occorrer — que me seja importante saber — algum infortunio — alguma fatalidade — virás ter comigo a Dresde. — Traze o meu manto.

WOLF

Neva muito, Senhor; algum temporal estará proximo a rebentar, porque relampeja para o norte, e a noite tornou-se escura e feia.

PATKULL

Não importa, bom pagem (*O pagem sahe. Elle a Paikel.*) Presinto alguma desgraça, Paikel.

PAIKEL

Não será nada : são saudades que levas, e que minguarão a distancia e o nojo da jornada (*Entra o pagem, põe o manto.*)

PATKULL

Adeus Wolf — abraça teu amo (*Wolf chega-se, e elle o abraça.*) Adeus Paikel. (*Estende-lhe o mão.*)

PAIKEL, *vê-o sahir* — *fica um pouco a olhar para a porta que se tem fechado, olha para a camara de Romhor — dá dois passos para ella apertando as mãos contra os peitos.*

E eu fico.

ACTO II

PERSONAGENS

NAMRY ROMHOR.
BERTHA.
PAIKEL.
WOLF.
UM PAGEM.

A Scena se passa no Ducado de Meckelembourg.

ACTO II

A mesma sala que a do acto primeiro

SCENA I

PAIKEL, *entra.*

Ainda a não pude ver um só instante — hontem passei o dia silencioso e tristonho a espera de mensagem della... e esperei de balde: hoje me recusou ella uma entrevista pretextando incommodo..... hei de fallar-lhe. (*Toca a campainha.*) Abusar assim da confiança de um amigo, da sua cordialidade e franqueza, é uma infamia. — Mas por que me roubou elle o coração de Namry — porque se veio interpôr no meu caminho? (*Entra o pagem.*) Que me queres?

O PAGEM

Pensei que ereis vós quem chamaveis! (*Indo para sahir.*) Perdoai!

PAIKEL

Sim fui eu: dize-me — poderei fallar á Senhora Duqueza?

O PAGEM

Dizem que amanheceu doente.

PAIKEL

Quanto o ama! (*A parte.*) E tu pagem podes-lhe fallar?

O PAGEM

Nada. Senhor, não.

PAIKEL

Quem então?

O PAGEM

A sua dama, Senhor.

PAIKEL

E ella?...!

O PAGEM

Está tambem doente.

PAIKEL

Por Deos que é muita molestia n'um dia. Pagem, faze o que quizeres, avem-te lá como poderes — has-de fazer chegar aos ouvidos da Senhora Duqueza, que eu tenho que lhe dizer da parte do Senhor Patkull, e que talvez d'aqui a uma hora tenha já partido. (*Faz-lhe signal com a mão que saia.*) Vai bem diverso o tempo de quando a todos os instantes me esperavam, apezar de estranha vigilancia, Namry?! — e que tenho eu com a mulher que já me deixou de amar? (*Entra Wolf.*)

WOLF

Senhor Paikel! Senhor Paikel!

PAIKEL

Que tens tu, pagem?

WOLF

Noticias de meu amo, mandou-as ainda de caminho, e que a esta hora estaria em Dresde!

PAIKEL

Tu amas muito teu amo, Wolf!

WOLF

Elle tambem me ama muito!! Ainda pequeno fiquei sem pai, nem mãe; passou elle acaso por Casimir onde era meu tio carcereiro da prisão do rei. Elle viu-me e como meu tio de pouco me poderia servir, cedeu-me ao Senhor Patkull que disse me havia de fazer feliz. Meu bom tio se despediu de mim chorando, porque me amava muito o bom Sally! Depois d'esse tempo tenho sempre vivido com elle: se soubesseis quanto é meu amigo!! quanto o amo...

PAIKEL

Tens razão, Wolf, ama-o muito e não terás de que te arrepender. Elle é um amigo que não atraiço, o seu amigo, sua palavra é santa e pura. Tu és novo, Wolf, na tua idade ainda ha reconhecimento para um sorriso, e amor para o mimo, que nos mostram. (*Entra a Duqueza um pouco pallida e vagarosa.*) Vai, bom pagem, logo mais fallaremos.

SCENA II

NAMRY ROMHOR e PAIKEL

NAMRY

Mandastes-me dizer Senhor que tinheis recados para mim da parte do vosso amigo!

PAIKEL

E a não ser isso, não é verdade que nem sequer

uma vez, vos dignarieis de mostrar-vos ao vosso hospede?

NAMRY

Ninguem vos mandou acceitar a sua hospedagem, Senhor.

PAIKEL

Foi a unica desculpa que me não veio á mente. Patkull rir-se-hia, se eu lha dêsse; e eu talvez que outro tanto fizesse ao sensato que a sonhasse!

NAMRY

Nem era mister que lhe dêsseis precisamente esta : bastava recusar. Um pretexto de negocio ou de interesse nunca falta ao homem; é um motivo, que todos comprehendem!

PAIKEL

Todos! Senhora!! É certo que não darieis credito ao homem que vos dissêsse : interesse e gloria tenho eu sacrificado para seguir a illusão de um tempo que já passou, memorias de amor correspondido, sonhos ditosos da infancia, que o acordar dos annos dissiparam na mulher, que então me amava.

NAMRY

Senhor Paikel!

PAIKEL

Quando elle vos dissêsse ; soube que estavas presa em novo enleio, e esta certeza não deu quebranto ao meu amor, não o acreditarieis porque não é do interesse do homem o aviltar-se?

NAMRY

Sim.

PAIKEL

Não o acreditarieis quando elle vos dissêsse, sacrifiquei o meu repouso ; vâguei noite e dia ao vento e á chuva — aos raios do sol e ao frio de inverno para demorar ao menos por um dia um casamento, que se ia concluir, e roubar-mê para todo sempre esperanças de ventura tão mimosa, que a existencia me dou-ravam !

NAMRY

Paikel!

PAIKEL

Se elle vos dissêsse eu tenho um amigo; amavo-o como se elle fôra meu irmão, como a mim proprio : Estivesse eu a rezar sobre o tumulo de meu pai — iria para elle quando a sua voz me chamasse. Estivesse eu a morrer de fome e de sede — dar-lhe-hia o unico pedaço de pão que me podesse aliviar a fome — dar-lhe-hia a sede d'agua que me podesse humedecer as fauces! Eu amavo ; e para ver a mulher que amava manchei a minha honra, e trahi a amizade! tambem o não acreditarieis, porque honra e amizade valem mais que o ouro, mais que o sangue!

NAMRY

Se Patkull vos ouvisse!!

PAIKEL

Foi por isso que o mandei para longe. Mas em troco de um momento, que seria de delicias para elle e nada mais para mim que absyntho e fel, dei-lhe honras e consideração. Eu bem sabia que elle tinha

no coração uma corda inteira, quo vibraria a todo o momento, como uma harpa vaporosa; bem sabia eu que o nome da Livonia ainda era para elle mais que um nome. Vali-me dessa virtude — e em recompensa do amor lhe dei a gloria!

Ha homens bem afortunados neste mundo; quando a desgraça como um céo gravido de tempestades páira sobre elles; então lhe sorri a fortuna mais brilhante, como o raiar de um sol de primavera.

NAMRY

Porque fallais assim, Senhor?

PAIKEL

Porque?... Porque eu não sou desses homens, e no emtanto pouco me bastava para o ser. Porém minhas palavras são um enigma, que pareceis não comprehender!... Quem o dissera!... Se algum veneravel astrologo lêsse nos astros tão incrível horoscopo, certo que eu me rira da sua sciencia, e deixaria o velho ausentar-se impune, condoído de tanta loucura! Hoje não me entendeis, Namry — minhas palavras ferem os vossos ouvidos como se foram um monumento de pedra, que m'as repercutisse em echo; minha presença vos escandalisa; e para mim até deslembraestes a polidez com que tratais a todos.

NAMRY

Quereis perder-me, senhor?

PAIKEL

Senhor! sempre Senhor! A pouco resumes a tua

civilidade, Namry... Quero-te contar uma historia, Havia um Duque... não sei onde! poderoso e nobre era o Duque — cheio de altivez e de orgulho — porém severo guardador da sua palavra — um pobre cavalleiro amava a filha do Duque, julgando haver na filha tanta religião de palavra, como no pai: Tal não era. Amavam-se ambos! porém de que vale o amor quando reina o interesse! Por interesse o Duque negou sua filha ao cavalleiro, e a filha chorou porque nesse tempo tambem o amava. Depois... familiarizou-se com a sua sorte; pouco a pouco abraçou as opiniões do pai — e renegou o amante, como o pai tinha rejeitado o amigo. É bem verdade o que dizeis, senhora: o interesse é um motivo, que todos comprehendem!

NAMRY

Não mais — senhor. — Promessas da infancia, dicta-as a imprudencia — hoje o dever se oppõe a ellas. — Eu não vos iria pedir contas do que houveseis feito; não m'as vinde tambem pedir — a mim.

PAIKEL

Não vos peço contas — sómente como talvez seja a ultima vez que nos veremos — conto-vos uma historia — cousas de que me pareceis esperta — Eu vos dizia, Namry, que a filha do Duque e o cavalleiro se amavam. Não se tratavam como nós por senhor: esse véo grosseiro de civilidade que não diz nem amor, nem gratidão porque indistinctamente se confere a todos; tratavam-se por tu. A filha do Duque... não me acorda o seu nome — chamal-a-hemos Namry — Namry essa moça innocente e pura, que a não acharieis mais. O Cavalleiro pensava, que difficultosa-

mente a possuiria: e em um dia pensando nisto, chamava-lhe a senhora Duqueza — então a pobre moça chorava e soluçava, que não havia acabar com taes soluços porque se julgava menos amada.

NAMRY

Por piedade!

PAIKEL

Como ella se enganava a si propria! creatura innocente? Como a fé do seu coração se debateria em um cahos de sombras e de trevas, se lhe dissessem então que ella um dia não comprehenderia as palavras d'aquelle de quem até adivinhava os pensamentos! um acaso mal apercebido — um volver d'olhos insignificante — uma flôr collida ha pouco — e lançada no meio d'nma leiva de flôres — uma pégada simples no meio de uma alameda — tudo tinha um nome — uma significação — uma lembrança.

Acreditareis isto, Namry!

NAMRY

Quereis perder-me?

PAIKEL

Perder-vos, senhora! brincais comigo! Perdervos — a mulher sisuda e grave que lançou o osquecimento sobre o passado, como se lança uma mortalha sobre as feições decompostas de um cadaver — a mulher que tem tão gravados na sua consciencia seus deveres de hoje — que nem se lembra dos de hontem!... Perder-vos?! Se outra pessoa me dissesse estas palavras no meio do rumor e do giro de regosijo e festa, sem duvida que eu as acceitara como uma delicada galanteria.

NAMRY

E no emtando tu bem vêes que eu lucto comigo mesma para não ceder — Não sabes que horrivel seria atraçoar assim: eu, o esposo tão amante — tu, o amigo tão sincero.

Tem piedade de mim!

PAIKEL

E o que pediria a victima, a quem o carrasco martyrisasse a golpes de mal afiada segure? Em breve te cingirão os braços do teu esposo, e te esquecerás do malfadado que se irá por terras de estranhos com a dôr no coração — e as lagrimas nos olhos. E o que pediria eu, Namry?

Ainda ha pouco appareceste diante de mim com as sobranceiras carregadas de increpações, e me endereçaste palavras de amargor e de colera, que eu duvidei por um instante, se eu era verdadeiramente Paikel — e tu verdadeiramente Namry Romhor — e se ambos nós nos tinhamos amado em outros tempos.

NAMRY

Por Deos, Paikel — que queres tu que eu faça?

PAIKEL

Nada, Namry; não quero nada. E se tu soubesses?... Quando soube que já me não amavas — quando mais não pude duvidar — fiquei — estúpido e frio como uma rocha batida pelas vagas — Depois mil pensamentos remoinharam em minha alma; eu me julguei doudo, e a cabeça se me estalava com dôres. Quiz te ver ainda uma vez, porque visse se eras tão

bella como dantes, do que eu duvidava. Trazia mil cousas para te dizer — mil palavras de furor e desespero — de injuria e de insultos — E tudo se acabou quando te avistei. — Se estivessemos sós, eu me lançaria a teus pés para te pedir perdão de ter desconfiado de ti — E hoje mesmo, ainda o faria se me não viesses gelar a voz nos labios com tua voz fria e grave.

NAMRY

Meu Deos, meu Deos !

PAIKEL

Uma palavra só, e eu me retiro para sempre : Namry, por nosso amor tão formoso doutras eras — pelo amor que hoje tens se te não acordas do pobre homem que te adorava com todas as veras do seu coração, Namry, já me não amas ?

NAMRY

Porque m'ó perguntas, Paikel ?

PAIKEL

Por Deos — eu t'ó supplico — Dize-me uma palavra só — e eu me irei, Namry ; e nem mais ouvirás fallar de mim se noticias minhas te importunam — não me amas ?

NAMRY

Mas seria fazer-te uma confissão !

PAIKEL

E é o que te peço — Livra-me desta duvida, que me esmaga o coração : Dize-me quo sim ou que não —

pouco será para ti dizeres uma palavra — só — nada mais que uma palavra — por que me não posso persuadir que em tão pouco tempo te esquecesses de tudo. Livra-me desta incerteza que me endoucece — por quem és — e eu te beijarei as mãos e os pés — e o sitio em que pisas — dar-te-hei minha vida se m'a pedires, e bemdirei o teu nome.

NAMRY

Basta ! basta ! meu amigo. (*Abraçando-o.*)

PAIKEL, *apertando-a nos braços.*

Meu amigo !

NAMRY

Deixa-me chorar — deixa-me chorar de prazer nos teus braços, meu Paikel, custava-me tanto vêr-te soffrer ! (*Abraçados.*)

PAIKEL

Eu bem sabia que tu eras sempre a minha Namry — e que o meu coração não me enganava. (*Ella tem a cabeça nos hombros delle.*)

NAMRY

Vem gente !

PAIKEL

Não é ninguem — deixa-te estar sobre o meu coração — deixa-me ver o teu rosto — ha tanto tempo que não via — precisava tanto de ti ! precisava tanto do teu amor ! (*Abre-se a porta e apparece Bertha.*)

NAMRY

Oh ! (*Foge.*)

SCENA III

Paikel tem as costas para a porta da esquerda do espectador, por onde entrou Bertha — Bertha traz um véo e pára um pouco á porta. Paikel, que ficou a olhar para o sitio por onde desapareceu Namry, olha repentinamente para traz — e dá com Bertha.

PAIKEL e BERTHA

BERTHA

Muito sinto de vos ter sorprendido, Senhor!

PAIKEL

Como deveis saber, a casa não é minha — tendes direito de entrar nella, e disto nada estranho. — Mas como agora me parece que tendes de me fallar — dar-me-hia por mui feliz se em alguma cousa vos podesse ser agradável.

BERTHA

Obrigadissimo. Senhor — porém não vim para vos pedir favores.

PAIKEL

Não tendes que me agradecer, a não ser a minha boa vontade; e apesar de tudo ser-me-ha permitido pedir-vos um favor com tanta franqueza com quanta recusaste o meu prestimo.

BERTHA

Podeis, pedir, Senhor — porém desde já tende a certeza de que não vol-o faço.

PAIKEL

E porque, Senhora?

BERTHA

Porque nada me poderia pedir Paikel. que eu lh'o podesse fazer.

PAIKEL

Oh! mas parece que já nos conhecemos.

BERTHA

Tendes tido o cuidado de escrever o vosso nome por tanto logar immundo e sordido, que não é muito que eu vos conheça.

PAIKEL

Perdoai, Senhora — porém para ter tido o meu nome en taes logares — seria preciso ter-vos abaixado até elles.

BERTHA

Vós o dizeis, Senhor! (*Descobre-se.*)

PAIKEL

Bertha!!!

BERTHA

Já me conheceis, Senhor? Julguei que já vos terieis esquecido das minhas feições como já vos esquecestes da minha voz. Ora pois agora que me conheceis — dizei-me: não é verdade que já descí bem baixo, aos mais infimos degrãos da sociedade — aos logares mais torpes e obscenos? dizei-me!

PAIKEL

Que vieste aqui fazer, Bertha?

BERTHA

Essa pergunta deveria ser a minha; mas... respon-

der-vos-hei : inquiri a vossa consciencia se ainda a tendes, e ella vos dirá o que aqui vim fazer. — Pesai as vossas intenções, Senhor, e concluireis depois que por amor de vós e por amor de mim — livreis-vos de ser um infame seductor por mais uma vez — e um amigo ingrato e refasaldo, se já o não fostes.

PAIKEL

Quem te disse que eu a queria seduzir, Bertha ?

BERTHA

Digo-t'o eu, Paikel — porque conheço-te mais a ti do que a mim propria. Digo-t'o eu, porque sei que o farias de bom grado sem te dares da mulher, que des-honravas — sem te dares, nem da sua honra, nem da tua, porque essa pobre mulher tambem te ama. E finalmente, Paikel, digo-t'o eu porque conheço os teus projectos.

PAIKEL

Bertha, sempre é bem feliz uma mulher com ser fraca, porque pôde impunemente com o que lhe vem á fantasia atirar á cara de um homem, e insultal-o como lhe apraz.

BERTHA

É o que eu disse, Paikel — é bem feliz a mulher ; dize, não te parece que é bem feliz quando compra, como eu comprei, a liberdade de um homem ; e quando o insulta, como ora faço ? Dir-te-hei mais, Paikel : quem diz o que não sente, Paikel, mente — quem emprega manhas e artificios para enganar a uma mulher — é um embusteiro : — e quem depois de a ter humilhado a abandona, sem se lhe dar do seu futuro é um cobarde — um infame.

Oh! como eu sou bem feliz em te poder lançar em rosto todas estas baixeças, que farião córar o mais vil lacaio, e que te não pôde fazer subir a côr ás faces!

PAIKEL

Já vejo que de proposito vieste para me insultar.

BERTHA

Já vos disse para o que vim — livrar-vos de uma infamia e facilitar-vos a reparação doutra.

PAIKEL

Dizei — bem vêdes que estou benevolo e tranquillo, e que ouvirei paciente de uma senhora tão pollida a negra relação dos meus delictos — sentai-vos!

BERTHA

Obrigada, Senhor.

PAIKEL

Então — fallai — breve — por que me arreceio de que a minha impaciencia affugente a minha civilidade — e neste caso — sentiria não vos poder escutar até ao fim.

BERTHA

Como quizerdes!

PAIKEL, *gesto de impaciencia.*

Tratarei de vos interrogar, Bertha, a ver se mais depressa nos aviamos. Tereis a bondade de me informar dos meus projectos?

BERTHA

Seria inutil — porém eu vol-os direi — para vos

diminuir a vaidade de pensardes que ninguém aventa as vossas intenções. — Não foi por amor da Livonia ou pela gloria do vosso amigo — que o fizestes sahir d'aqui : precisaveis de estar só para melhor levar ao cabo a vossa empreza — e viestes com a mascara na cara — e o fingimento nos labios atraiçoar o vosso amigo, se me não interposesse entre vós ambos, mais forte do que a innocencia de Romhor, mais vigilante do que a credulidade de Patkull.

PAIKEL

E sem duvida terei tramado contra elle alguma horrivel emboscada!

BERTHA

Que duvida?

PAIKEL

Oh! meu Deos!

BERTHA

Tremo por alguém, Paikel, quando te sorris para elle — quando lhe endereças palavras seductoras, quando espontaneamente o obsequias. — Armastes ao teu amigo alguma horrivel emboscada — tu o disseste.

PAIKEL

Bertha, Deos te livre de amigos que assim pensem de ti.

BERTHA

Deos me perdoe, se me engano; porque já me tens dado razões sobejas para duvidar do bem que parecees fazer.

PAIKEL

E não receias que pensem mal de ti, quando pensas mal de todos?

BERTHA

Não. Porque ainda conheço corações innocentes e virtuosos. Sómente agora não sou tão facil de enganar, como já o fui em outros tempos : tu bem o sabes, Paikel.

PAIKEL

Bertha, porque havemos de estar assim a estomagar-nos cruelmente um ao outro. — Eu bem sei que tu tens razão — muita razão — para me tratares com tanta dureza : eu mesmo me condemno porque baixamente me portei contigo — portei-me como um peão, como um servo. — Eu bem o sei, Bertha. Ainda que eu me lançasse de joelhos a teus pés, não me quererias perdoar, e comtudo nunca te deixei de amar, Bertha : ainda hoje te amo; ainda te amo como sempre; como no dia em que tu abandonaste teus pais, teus lares, para seguires o simples cavalleiro Paikel — que nada mais tinha para te offerecer que o seu amor.

BERTHA

Já uma vez me enganastes!

PAIKEL

Não! nunca te enganei porque o teu amor ficou sempre comigo. — Crês tu que um homem possa esquecer momentos tão deleitosos, como os que eu passei ao teu lado? Esquecel-os-has tu Bertha? Não, não os esquecerás porque tambem eu me não esqueci delles.

Quando o amor é tão ardente e tão profundo como o nosso, Bertha, dura por toda a vida, e o coração não pôde amar duas vezes por igual modo.

BERTHA

Mas tu amas a esta mulher, Paikel.

PAIKEL

Não o creias. É uma distracção — uma illusão — um passa-tempo, porém nunca será o amor. Se tu me amasses ainda? Tu verias se o meu coração se tem envilecido — Bertha, ainda podíamos ser felizes como no tempo, em que eu te dizia : eu te amo. — E tu me abraçavas, e com teus labios, que se sorriam, derramavas sobre os meus um prazer indisivel, infavel que — que nunca igual experimentei.

BERTHA

Fallas tu verdade, Paikel?

PAIKEL

Meu Deos, meu Deos — como te poderei eu persuadir? Dize o que queres tu que eu diga ou faça, para que me possas acreditar. — Eu o farei, Bertha — eu o direi — oh! se eu pudesse dizer tudo quanto sinto por ti! — tudo quanto me enche o coração, e que eu mal posso traduzir — tu me perdoarias — Bertha, tu me amarias.

BERTHA

E esta mulher?

PAIKEL

Já te disse que a não amo — não amo senão a ti, minha Bertha. — Queres tu? Deixemos esta casa — esta terra — iremos nós ambos, nós sósinhos para longe — para muito longe — para a nossa casinha d'Olitta, Bertha; e ali acharemos o prazer que ali

deixamos, que ali nos sorria e o nosso amor tão puro e tão terno.

Tu bem sabes o amor, que eu tenho á sciencia — o amor da gloria, que me não podias fazer esquecer. — Pois bem — Bertha — deixar-me-hei das minhas experiencias, que tanto te assustavam, e nem me ouvirás fallar de alchymia ou de pedra philosophal. — Queres tu? Oh meu Deos, não terás tu unicamente direito ao coração. — Já me não amas, Bertha?

BERTHA

Paikel.

PAIKEL

Fujamos d'aqui, meu anjo, meu amor; Bertha. (*Pegando-lhe nas mãos.*) Iremos para onde te aprou- ver — sempre amantes — sempre unidos, na vida como na morte — Bertha?!

BERTHA

Seria verdadeiramente horrivel que me enganasses segunda vez — Paikel! — Eu conheço que é possivel — que um dia o farás talvez. — Não importa, Paikel; — eu tambem te amo. (*Vai para o abraçar — elle pega-lhe nas mãos, e recua, para que ella o não abrace e ella cahe de joelhos.*)

PAIKEL, a rir-se.

Sois bem difficil de enganar, Bertha!

BERTHA, com a cara escondida no seio.
Desgraçada que eu sou!

PAIKEL

Desgraçada que tu és, Bertha. — Vês tu que eu

poderia fazer de ti tudo quanto me aprouvesse. — Vês tu que estás a meus pés como se fôras a criminosa. — Vês tu que eu sei que ainda me amas, e que rejeitei o teu abraço, como rejeitei o teu amor.

BERTHA, *tapando os olhos.*

Paikel!

PAIKEL

Desgraçada mulher, chamaste-me vil — infame — cobarde — chamaste-me que sei — eu... E conclues dizendo — eu te amo : por Deus que é incrível o teu amor! amares qualidades tão infames!

BERTHA

Tem piedade de mim!

PAIKEL

Não mereces nem amor, nem piedade; mas terei compaixão de ti, se vir que as tuas faces ainda se não esqueceram de córar.

BERTHA, *levantando-se resoluta.*

Só esta vez, Senhor. — Não vos fallarei d'agora porque não terei palavras para vos dizer quanto foi baixo e vergonhoso o modo porque me haveis tratado: — Paikel — eu era rica e nova — tinha pais que me amavam, teria mil amantes se os quizesse, e tudo abandonei por amor de ti. — É da tua honra salvar a mulher que deixaste em tal abandono — queres salvar-me?

PAIKEL

Não.

BERTHA

Paikel, medita bem — tu me deshonoraste, humi-

lhaste-me aos olhos de minha propria mãe — tu me seduziste no tempo, em que me chamavas bella. — Esse tempo passou bem o sei, mas foi o teu amor fatal quem me poz a pallidez nas faces, e o desespero no coração. — Fatigado com o meu amor me lançaste no mundo com a fronte cingida de vergonha e de opprobrio — Paikel! — queres tu salvar-me desta vergonha e deste opprobrio?

PAIKEL

Não.

BERTHA

Se não por amor de mim ao menos por amor de ti. Já sabes como eu amo — vê se me saberei vingar. — Não te illudas. — Não creias mais em amor da minha parte porque o acabaste de assassinar. — Mas terrível é a vingança da mulher que nada respeita, e tu nada me deixaste de sagrado. — Não queres?

PAIKEL

Não.

BERTHA

Paikel, ainda uma vez.

PAIKEL

Não, mil vezes não.

BERTHA

Nada mais tenho que vos dizer, Senhor! (*Paikel encara-a um pouco com ar de triumpho e sahe.*)

Como pude eu amar a este homem, meu Deus. Paikel?! Paikel?! Oh! que em breve te arrependerás. (*Ella pensa um pouco. — Aparece Wolf.*) Estou vingada! Wolf.

SCENA IV

WOLF e BERTHA.

Que tens tu?

WOLF

BERTHA

Não me disseste que o Senhor Patkull te ordenara de o ir avisar se por aqui acontecesse alguma fatalidade?

WOLF

Disse sim, mas que tens tu?

BERTHA

Nada Wolf — tens de ir ter com teu amo.

WOLF

Eu!

BERTHA

Tu, Wolf — porque lhe aconteceu uma desgraça.

WOLF

Uma desgraça — Bertha?

BERTHA

Sim — Wolf — Partirás agora mesmo, sem dizer nada a ninguém, e dirás ao Senhor Patkull que Romhor o não ama.

WOLF

Que?

BERTHA

Que ama outrem.

WOLF

Ella?

BERTHA

E que Paikel é o seu rival.

(Cabe o panno.)

ACTO III

QUADRO I

PERSONAGENS.

NAMRY ROMHOR.

PAIKEL.

BERTHA.

UM MENSAGEIRO.

UMA CRIADA.

ACTO III

A mesma sala que a do acto segundo.

SCENA I

NAMRY ROMHOR, *vestida de preto.*

Patkull?! meu Deos, porque o prenderião? É uma coisa inaudita, absurda, impossivel — um embaixador de um alliado — um amigo d'Augusto!!

CRIADA, entrando.

Senhora, acaba de chegar um mensageiro que vos pretende fallar.

NAMRY

Que entre já — não te demores. (*A criada sahe.*) Ao menos agora saberei alguma cousa com mais certeza. (*Entra o mensageiro.*)

O MENSAGEIRO, ajoelha-se e beija-lhe a mão.

Saúde e contentamento á Senhora Duqueza.

NAMRY

Deus te dê saúde e contentamento e eu te darei o que me pedires e o que eu te poder dar, se me trouxeres noticias de paz e contentamento.

O MENSAGEIRO

Nem de paz, nem de contentamento. — São novas de máo agouro, Senhora. — É pesado ouvil-as e triste o ter de as dizer.

NAMRY

Falla sem receio. É verdade que Patkull foi preso?

O MENSAGEIRO

Sim, Senhora Duquesa.

NAMRY

Está já morto?

O MENSAGEIRO

Condemnado á morte.

NAMRY

Condemnado á morte! Sabes tu o que dizes, homem? condemnado a morte!! e porque? sabes tu porque?

O MENSAGEIRO

Não o sei e ninguem o sabe com certeza. — Elle mesmo é quem o disse — quando o prenderam. O rei Augusto não lhe quiz fallar, e elle está na prisão de Roenigstads.

NAMRY

E o rei Augusto?

O MENSAGEIRO

Está por ora em Dresde.

NAMRY

Sabes um caminho seguro e breve.

O MENSAGEIRO

Poderei lá estar em duas jornadas.

NAMRY

Descança que partiremos ambos.

O MENSAGEIRO

Vós Senhora?

NAMRY

Descança, e não haja demora na partida — vai. — *(Elle sahe.)*

SCENA II

NAMRY.

Dizem que o rei Augusto é um bom rei — eu lhe irei fallar. — Dizem que é desgraçado? tanto melhor, que mais de pressa se condoerá de mim — e mandará soltar o pobre Patkull — que o serviu tantas vezes — de conselhos — e com o seu braço — Patkull? Por muito tempo me tenho esquecido d'elle! Pobre homem — que tanto me amava.

(Entra Bertha.)

SCENA III

Bertha ajoelha-se aos pés de Romhor.

NAMRY

Que fazes tu, Bertha?

BERTHA

Vosso perdão, Senhora.

NAMRY

Sou eu que te fallo Bertha; não me conheces?

BERTHA

Vosso perdão, Senhora.

NAMRY

Ora vamos! que me poderás ter tu feito, para que me venhas assim pedir perdão? Levanta-te e eu também te perderei perdão porque te chamei minha amiga e por muito tempo me tenho esquecido de ti... e não só de ti, minha amiga! — vamos.

BERTHA

Não vos mereço tanta bondade.

NAMRY

Estás-me a inquietar seriamente — que tens tu, Bertha?

BERTHA

Remorsos do que fiz, Senhora.

NAMRY

E é cousa que eu te possa perdoar? como me poderias fazer mal?

BERTHA

Eu o fiz, Senhora.

NAMRY

Olha — Bertha — talvez que fosse melhor que deixasses para outra vez, o que agora tens para me dizer, porque tenho deveres a cumprir que me chamam longe d'aqui. — Mas não te posso deixar assim, Bertha — falla, se o teu perdão depende de mim, estás perdoada — não tenhas vergonha nem receios, porque bem sabes que eu sou tua amiga.

BERTHA

Eu amava, Senhora.

NAMRY

Bem o sei.

BERTHA

Oh! como haveis de me odiar!

NAMRY

Sê breve.

BERTHA

Ao vosso amigo.

NAMRY

Bem o sei.

BERTHA

Como! sabeis! (*Encarando-a e levantando-se.*)

NAMRY

Sim — era só o que me querias dizer? Estavas com tanto mysterio para nada.

BERTHA

Não era só isto.

NAMRY

Então acaba.

BERTHA

A minha historia é longa.

NAMRY

Queres matar-me de impaciencia!

BERTHA

Sabeis quem sou eu?

NAMRY

Filha não sei donde — educada por caridade de não sei quem : — e depois.

BERTHA

Não Senhora. — Nasci feliz e rica. — Meus pais me amavam — e faziam o que lhes eu pedisse. —

Nunca contei com piedade — porque nunca supuz carecer della. — Então me appareceu Paikel — e disse que me amava — eu o acreditei em quanto não fui trahida. Finalmente deixou-me só e abandonada.

NAMRY

Que te importa! Crê-me, Bertha, por mais forte que seja o amor nunca dura por toda a vida. — Esquece-te delle.

BERTHA

Fugi com elle — e por elle abandonei tudo quanto neste mundo me era mais caro. Abandonei meus pais e minha fortuna — e depois elle pretextou uma viagem e partiu — nem mais ouvi fallar delle.

NAMRY

Fallas de Paikel — Bertha?

BERTHA

Sósinha e fraca não tinha meios para ganhar a vida. Lembrei-me de meus pais — mas eu não queria entrar em casa com a vergonha no rosto — e manchar os ultimos instantes de quem me tinha cercado a meninice de tanto amor e carinhos. — Não — eu queria antes morrer do que encontrar meus olhos com os olhos de meu pai — que morreu de vergonha. Procurei uma occupação e não encontrei. — Seria longo dizer-vos os transees que passei — o que eu soffri de baixesa — de insultos e de orgulho — de homens e mulheres — chorei lagrimas de desespero quando nem uma esperança me restava sobre a terra — por acaso encontrei vosso pai, e desde esse momento vos tenho servido.

NAMRY

Fallaste a Paikel?

BERTHA

Foi generoso em demasia — ajuntou o insulto ao abandono. — Tentei tudo para o commover, mas nada achei do que eu buscava. — Foi então que para me vingar delle — revelei tudo a Wolf — que já partiu para ir ter com seu amo — e para lhe contar o vosso amor.

NAMRY

Eu o mereci...! porque me abaixei a amar esse homem. — Os homens! Os homens! — Não chores, Bertha — o teu nuncio de máo agouro não dará essas novas porque certamente não poderá fallar com Patkull — que queres tu fazer?

BERTHA

Vingar-me.

NAMRY

Vingar-te! E que ganharás tu com isso?

BERTHA

A vingança.

NAMRY

E podes tu gozal-a?

BERTHA

Talvez.

NAMRY

Eu verei se podemos arranjar uma reparação : vai — faze saber a Paikel que lhe pretendo fallar. — (*Bertha sahe.*) Quem nos dirá a nós outras pobres mulheres o que se passa no coração de um homem. — Só palavras têm nos labios — palavras que mentem — olhos que mentem, que dizem virtude quando a consciencia diz crime. Os homens! onde haverá mais falsi-

dade? elles que são mais fortes! empregarem assim mentira! perpetrarem assim vilezas!

(*Entra o mensageiro.*)

SCENA IV

O MENSAGEIRO

Aqui estou. Senhora Duqueza.

NAMRY

Estás prompto?

O MENSAGEIRO

Às ordens da Senhora Duqueza.

NAMRY

E a carruagem?

O MENSAGEIRO

Tambem prompta.

NAMRY

Vai — brevemente serei contigo. (*Elle sahe.*)

Vejamos se posso tirar uma boa acção do que a consciencia me exprobrava como um crime — certo que o farei. — Paikel ama-me, ainda ha pouco m'ô disse. — O amor nada pôde recusar, dizem. — Oh! eu o farei!! (*Entra Paikel.*)

SCENA V

PAIKEL

E o que não farias tu — Namry. — Tudo quanto cabe nas forças de um homem elle o faria se a tua

voz o dizesse — se teus olhos lh'o pedissem, se teus labios lhe sorrissem!

NAMRY

Eu te esperava, Paikel.

PAIKEL

E eu Namry! eu aqui vinha a teus pés verificar tamanha dita, porque acabo de conhecer que realmente me amas — que não podes estar sem mim, como eu não posso estar sem ti. — E como no outro tempo — em que te ouvia dizer-me de continuo : vem — como agora Namry — eu vinha cheio de prazer e de contentamento — para te ver, como agora — para como agora te dizer : eu te amo, Namry.

NAMRY

Paikel, não é verdade que a mentira deslustra a honra de cavalleiro?

PAIKEL

Namry — o homem que mente é um máo christão — o cavalleiro que mente é indigno de calçar esporas de ouro — e de lidar em justas e torneios com o seu nome de guerra. — Pela fé de um christão e pela honra de um cavalleiro — Namry — eu te amo.

NAMRY

Não te recordas, Paikel, de ter dado a tua palavra a outra — de lhe teres empenhado a tua honra — como ora acabas de fazer por meu raspeito?

PAIKEL

Negar-t'ô, fôra mentir : — Namry — não ha um homem da minha idade que derramando um olhar sobre o passado não encontre nelle um remorso para

a sua consciencia. — Isso que dizes — Namry — eu o fiz — e talvez mais do que uma vez. — Mas — um cavalleiro que mal fez concede reparação leal e franca a quem quer que lh'a peça. — Eu sou cavalleiro, e que o não fosse, Namry — ser-me-hia penoso ter a consciencia de não merecer o teu amor. — Alto soa o meu nome. — Quem se der por offendido que venha ter comigo — e certo que voltará contente e satisfeito. — Tenho mais honra que dinheiro — mas o sangue e fazendas de Paikel, serão de sobra para o mais sedento e ambicioso.

NAMRY

E quando forem dividas que se não pagam nem com dinheiro, nem com o sangue?

PAIKEL

Que Deos se condoa de mim — porque tudo lhe poderia dar — e lhe daria tudo, menos o meu amor que não é meu.

NAMRY

Eu cria que o amor era sujeito ao dever.

PAIKEL

Crês tu — Namry!

NAMRY

Creio que o cavalleiro que é o mais forte deve dar exemplo á mulher que é mais fraca.

PAIKEL

E porque nos vês invergar couraça e saia de guerra — porque nos vês cobertos d' aço e ferro — d' aço e ferro julgas tu que temos os corações?

NAMRY

Julgo-os demasiadamente sensiveis, a serem como

o teu. — Mas dize? Quando uma mulher pôde fazer calar o seu amor porque não poderá um cavalleiro acabar com elle?

PAIKEL

Porque elle se esquece de tudo para pensar nella, e ella se lembra de tudo para o esquecer a elle.

NAMRY

Paikel, como se appellida entre vós outros um cavalleiro, que falta a sua palavra?

PAIKEL

Um felão.

NAMRY

E tu queres ser um cavalleiro felão?

PAIKEL

Serei. (*Gesto de desprezo de Namry.*) Serei, Namry, e só por teu respeito. — Ainda quando o arauto me negasse a entrada na liça dos combates por esta acção — quando todos me reprehendessem, não o deverias tu fazer, Namry — porque é por ti que eu o faço.

Mas não será eterna a exprobração — quando eu mostrar um dia o que era o meu amor de hoje — o meu amor de sempre: — meus pares dirão cheios de assombro — só o amor de Paikel podia vencer a sua honra.

NAMRY

Já que te esqueces de tudo para só te lembrares de mim — quero corresponder-te por igual modo.

Tambem me esquecerei de mim para só pensar em ti. — Tratemos da tua honra, Paikel.

PAIKEL

E desde quando te importas com ella?

NAMRY

Desde que della te esqueceste. — Ha uma mulher a quem chamo minha amiga — Paikel — bem sabes quanto perdeu por teu respeito — bem sabes — porque a conheces ha mais tempo do que eu; — e por que ella mesma t'o disse antes que m'o dissesse a mim.

É a primeira cousa que te peço — Paikel — repara o mal que fizeste, e eu serei contente de mim mesma por ver que amava um homem, que merecia ser amado.

PAIKEL

Não posso.

NAMRY

E porque?

PAIKEL

Porque a sua familia não é nobre.

NAMRY

Devias ver isso quando a deshonraste.

PAIKEL

Mas estas alianças, bem o sabes, tem pouco uso entre nós.

NAMRY

Tambem entre vós outros é de pouco uso deixar penhorada a sua palavra.

PAIKEL

Bem o sei. — Mas eu não amo a essa mulher. Inda ha pouco me veio ella injuriar face á face — chamou-

me nomes de desprezo e de injuria, que eu me envergonharia de os repetir. Tivesse ella um parente, que cingisse uma espada — e a esta hora ella não teria este parente. Não fosse vilania assassinal-a — a esta hora não terias mais amiga.

NAMRY

Ella te defendeu em minha presença como eu talvez o não fizesse agora — eram palavras de ciume que não mancham porque são filhas do amor.

PAIKEL

A vingança de que um para o outro eramos capazes, nós a temos praticado. — Insulto por insulto : somos pagos.

NAMRY

Estás pago — e elle punida — muito bem, Paikel. — Já não restam lembranças de reciprocos insultos — nada mais terás que objectar.

PAIKEL

Nem ella que me pedir.

NAMRY

Deixemo-nos de razões, Paikel — por esse modo não posso lutar contigo. Porque me não fazes tu o que eu te peço?

PAIKEL

Porque eu te amo ! Namry — porque te amo de todo o meu coração.

NAMRY

Oh ! — Mas seria eu verdadeiramente pobre — roubar a fortuna da minha criada — pensas em tal, Paikel.

PAIKEL

Da tua criada?

NAMRY

Da minha amiga — como tambem tu ao teu amigo. Já bastante erramos — é preciso que ao menos uma vez na vida andemos por caminho seguro e plano. Temos hoje mais que fazer do que o papel de amantes. — Tu és o cavalleiro Paikel — que tens um brazão illustre, um dragão lavrado em synople que despedaça uma serpente. — Tens por devisã o valor pela virtude. Eu sou a Duqueza de Mecklembourg. — Lembremo-nos do que somos, e façamos o que devemos.

PAIKEL

Pede-me tudo quanto quizeres — Namry — tudo, e eu farei tudo — mas não me peças que te deixe de amar porque de certo o não podéra fazer. Eu daria quanto tenho de mais precioso a quem me reduzisse o meu amor á tempera do teu — é um amor brando e facil que se turva como a mais pequena nuvem, que mostra mil aspectos, como as azas da borboleta adajando ao sol.

NAMRY

Não m'ó queres fazer?

PAIKEL

Não posso.

NAMRY

Paikel — meu pai dizia que um nobre que se debruça sobre uma mesa para ter um livro ou pergaminho — era da nação effeminada dos francezes, que hoje não conta um cavalleiro : que um cavalleiro que

se compraz em rabiscar papel, em vez de manejar a espada descahia da sua nobreza — que um cavalleiro que consome dias e noites em busca d'ouro, tinha o genio de um vilão.

PAIKEL

Teu pai nasceu 200 annos depois de que deveria ter vivido.

NAMRY

Meu pai era um Duque honrado e nobre — se elle te dissesse — farei isto; podias dormir descansado como debaixo da folha da sua espada, porque elle cumpriria a sua promessa sem que fosse mister lembrar-lh'a.

PAIKEL

Tu me enganaste, Namry — quando me dissseste que me amavas.

NAMRY

Era eu que me enganava a mim propria. Deves confessar que não posso satisfazer a tudo quanto por mim tens feito.

PAIKEL

Talvez.

NAMRY

Talvez!! Bem — será mais uma dívida, Paikel — que eu te não poderei pagar. Salva a honra de Bertha — eu me esquecerei de tudo.

PAIKEL, *a rir-se.*

Esquecer-te-has de tudo?! como és generosa...

NAMRY

E mais do que mereceis, Senhor, sois um infame.

PAIKEL

Namry!

NAMRY

Agradeço-vos amor tão alto. Porém tenho orgulho sobejo para me contentar com os restos doutra, e não deixei de ser nobre para me casar com um assassino. Déstes a vossa palavra a vossa amante, de que ella seria a vossa esposa — e ella, porque fiou de vós, serve hoje para ganhar a vida. Déstes vossa palavra ao vosso amigo — e porque elle acreditou na vossa palavra, vai ser assassinado.

PAIKEL

Patkull? Fallas de Patkull?

NAMRY

Ide a Romgstadz e lá o vereis subir ao cadafaiso que para elle mandastes apparelhar.

PAIKEL

Eu o salvarei, Namry, eu parto já sem demora.

NAMRY

Fazeis bem, Senhor — porque se elle entrar uma vez nesta casa, não lhe seria gostoso o encontrar-vos nella; e quando elle não viesse — não me seria vossa presença muito para desejar.

PAIKEL, *sahindo.*

Fleming!! Fleming!! Tu m'o pagarás, Fleming!

NAMRY

Hypocrita.

QUADRO II

PERSONAGENS

FLEMING.
O REI AUGUSTO.
NAMRY.

QUADRO II

*Uma sala de palacio em Dresde, uma mesa
e cadeiras.*

SCENA I

O REI AUGUSTO e FLEMING

AUGUSTO

O que ha de novo, Fleming?

FLEMING

Saberá Vossa Magestade...

AUGUSTO

Já não sou Magestade.

FLEMING

Saberá Vossa Alteza que é chegado o correio que foi de vossa parte dar a Estanisláo os parabens da sua elevação ao vosso throno da Polonia.

AUGUSTO

Maldicto seja elle... Que mais.

FLEMING

O correio de Carlos XII espera a vossa decisão quanto aos artigos, que deveis assignar para o tratado de paz.

AUGUSTO

Lê-os — Fleming — lê-os de novo que me quero faltar de minha vergonha — lê-os.

FLEMING, lendo.

Darei paz a Augusto — rei que foi da Polonia — debaixo das condições seguintes, que serão cumpridas á risca sem alteração alguma :

1.º O Rei Augusto renunciará ao throno da Polonia — reconhecerá Estanisláo por seu legitimo rei — e prometterá jámais pretender elevar-se ao throno, mesmo depois da morte de Estanisláo.

2.º Renunciará a toda alliança com nações estrangeiras — principalmente com a Russia.

3.º Mandará para o meu campo os principes Sobieski — com uma guarda de honra e todos os prisioneiros, que me houver feito.

4.º o ultimo. Entregar-me-ha todos os desertores que passaram do meu serviço — e expressamente João Reginoh, Patkull — e dará amnestia a todos que passaram do seu para o meu serviço.

AUGUSTO

Só?

FLEMING

Nada mais ce contém neste rascunho, que nos mandou o conde Piper.

AUGUSTO

Acceito. — O Rei Carlos é um rei magnanimo e generoso... Porque me não mandou ir elle á sua presença descalço com as insignias reaes, com uma corda nos rins, e o *knout* nas mãos. — Por Deos que eu lhe iria beijar os pés para envilecer e abaixar esta mal-

dicta Polonia, já tão vil e tão baixa — Polonia! — Povo de escravos orgulhosos — povo de cobardes — povo lançado no meio da Europa para ser vendido ao que mais dá e que mais promette — Polonia! — Folga e ri satisfeita na tua prostituição — enche o céu com fogos de vista e gritos d'alegria — illumina teus palacios e habitações de escravos — alegra-te, que em breve generás afflicta sob o azorrague da infamia.

FLEMING

Rei Augusto!

AUGUSTO

Não me falles, Fleming — não — não me falles — ou dá que eu veja esta Polonia ardendo em fogo, como Sodoma ou Gomorrha — Carlos XII! quem me dera ter vida para te ver um dia miseravel e mendigo, roido de ambições e de remorses! — Não — não serás o unico conquistador que avistarás o destino dos teus. — Porque não luctei até esse tempo?

FLEMING

Perderieis vosso ducado como perdestes a Polonia.

AUGUSTO

E que me importa a mim um ducado, ou a Polonia? (*Entra um soldado.*)

O SOLDADO

O Principe de Mensicoff deseja fallar a Vossa Magestade.

AUGUSTO

Não lhe posso fallar.

SOLDADO

Vem para vos fallar a respeito de Patkull.

AUGUSTO

Não ouviste? (*Pausa por algum tempo.*) Fleming, que é feito de Patkull?

FLEMING

Foi conduzido de Keenigstadt para Casimir, e deve hoje ser entregue aos soldados de Carlos XII, segundo a convenção.

AUGUSTO

O Cezar quiz saber o que eu fiz do seu plenipotenciário — e tem razão — que lhe hei de eu dizer? Elle era o meu unico alliado, o unico verdadeiro amigo!

FLEMING

Mas ganhastes a vossa Saxonia.

AUGUSTO

Mas perdi a honra, Fleming. — Se eu tivesse ainda em meu poder esse homem, a quem agradeço tão mal — oh! não sei de certo se o entregaria ainda quando me rendesse o centuplo, do que ora me rende.

FLEMING

E fareis mal.

AUGUSTO

Ês um bom politico, Fleming — porém tens uma alma bem pequena. — Tens occasião de te vingar de um inimigo e pouco te importa que elle seja desgraçado. — Eu estimaria mais que o defendesses.

FLEMING

Nem que elle fosse meu irmão — pediria eu por elle quando se trata dos interesses de Vossa Magestade.

AUGUSTO

Escusas lisonjas — vês que sou um rei sem throno ou Magestade; um poder sem alçada.

FLEMING

Não é lisonja, Senhor — quando vos digo que a rebellião é um crime — e que um rei nunca deve proteger um rebelde. — Um duque hespanhol jurou ao seu rei que faria queimar seu palacio, se o Duque de Bombonde se demorasse nelle por espaço de uma hora, porque o Duque se tinha rebelado contra o seu rei — Francisco I. — E o rei louvou a nobreza do vassallo. — Ora Patkull é um rebelde — era um dever real punil-o — vós o fizestes, Senhor. E nem vos fica menos airoso que a sua morte vos renda um ducado — que já era vosso, e para mim, o que chamo mais uma vingança, que nunca tencionei tomar.

AUGUSTO

Seja como dizes. (*Faz-lhe signal com a mão que saia. Ouvem-se passos.*) Já devem ser seis horas, para que me pediu uma audiencia a Duqueza de Meklembourg? — Que me pretenderá!! — Veremos. — Algum capricho de Senhora?! Que importa?! — Não negarei um favor ao descer do throno á filha de quem era meu amigo, antes que alguém sonhasse que Augusto seria rei um dia.

Um dia!... o que é um dia? — ás vezes se passam elles serenos e mansos sem que nem ao menos a sombra de um acontecimento escureça alguma parte delle. — Outras vezes a vida pende do resultado de um dia, e a alma tem avista pregada no que vai acontecer, que lhe trará ventura ou desventura. — Ê um lago tranquillo e manso, representando o azul do céu e das nuvens. São ondas negras e revoltas, que se embatem, que se cruzam, que se repellem mal ditas da esperança. — E a vida ahi está como no aspecto

fagueiro ou terrível da superfície do lago. — Sómente a alma guarda mais constantemente para todo o resto da sua existencia neste mundo, o que por ella passou uma vez. — O pezar dura eterno como o seixo lançado na corrente. — E o prazer tambem lá permanece, e por vezes se nos acorda feiticeiro e saudoso — como a imagem da donzella que uma vez topámos acaso n'um passeio solitario, e que desaparece para mais não voltar.

SCENA II

Batem. — Elle pára como despertado de seus pensamentos — e de repente vai á porta — abre e entra Namry Romhor.

NAMRY

Senhor!

AUGUSTO

Que pretendeis, Senhora?

NAMRY

Fallar ao rei Augusto.

AUGUSTO

Sou eu.

NAMRY

Vós? (*Como comsigo.*) Parecia-me que a presença de um rei deveria de ser terrível e magestosa.

AUGUSTO

Nada disso — nem magestosa nem terrível — porém benevolente quando a vida de um rei se fita n'um profil gracioso e bello de formosura como a vossa.

NAMRY

Não mereço que sejais homem para vos abaixar até mim.

AUGUSTO

Tambem nós somos homens: — tambem! com differença de que o coração de um rei parece ter mais força para a dôr e maior espaço para conter lagrimas, que se não podem deslizar impunes pelas faces do monarcha — mas eu já não sou monarcha — não, já o não sou! Podeis fallar sem receios. — O Rei Augusto morreu — mas ainda vive o amigo de vosso pai, Senhora Duqueza.

NAMRY

Não contava com mais esse titulo para me apresentar diante de vós, rei Augusto. — É um bom agouro da minha boa fortuna. — Recordei-me de que meu pai vos chamava justo e bom — e eu vim ter comvosco fiado na justiça e na bondade que meu pai tanto exaltava.

AUGUSTO

Não praza a Deos que eu desmintia conceito para mim tão lisongeiro — podeis fallar, Senhora Duqueza.

NAMRY

Meu Deus! não sei porque me acanho tanto para vos pedir o que tenho de vos pedir.

AUGUSTO

Quereis muito. (*A sorrir-se.*)

NAMRY

Muito! muito.

AUGUSTO

Oh! tanto melhor — certo que eu não quizera tão sómente conceder á filha do meu velho amigo o que outro qualquer tambem podesse. — Já não sou rei, Senhora Duqueza, mas ainda me não esqueci de o ser.

NAMRY

Confio nisso, — e é por isso que vos venho pedir a liberdade de Patkull.

AUGUSTO

Patkull? Patkull! que vos importa esse homem?

NAMRY

Peço-vos uma graça, Senhor.

AUGUSTO

Patkull! vejamos, Senhora Duqueza. — Eu vos quizera servir — pedi-me qualquer cousa possível, e eu vol-a farei. — A minha Saxonia é bastante vasta — escolhei uma cidade — uma villa — um castello — e eu vol-o darei. — Vede de Leipsik — de Blauzou — de Zillan a Plauen — escolhei o que quizerdes. — Vistes vós Altenbourg mollemente deitada a margem do seu rio como uma ottomana voluptuosa? Gera — a cidade do commercio e da riqueza. — Leipsik — a cidade das artes e das sciencias — e Plauen — campeando no cimo de uma rocha como um guerreiro nocturno, que vigia firmado na sua espada. — Plauen austera e forte como um castello esquecido do perpassar dos annos, vigiando a Austria, sombrio e grave — tudo — tudo o que vos aprouver não vos ireis queixosa do rei Augusto que foi amigo de vosso pai.

NAMRY

Não, Senhor — pela melhor das vossas cidades não vos viera eu importunar — venho pedir-vos a vida de um homem que não mereceu perdel-a.

AUGUSTO

Quem vos disse que elle o não tinha merecido?

NAMRY

Era vosso, todo vosso — d'alma e coração — elle vos aconselhou como amigo — e vos serviu como escravo.

AUGUSTO

Era um rebelde!

NAMRY

Não a vós que só podeis punil-o por vos haver bem servido. — Perdoai se vos fallo assim. — Durante o caminho tão breve da minha vida, não pude ainda aprender como se falla aos reis — peço-vos a vida desse homem — que meu pai me deu por esposo — meu pai que era amigo de vós ambos. Certo que se o pobre velho ainda existisse, elle se curvaria diante de vós, Senhor — para que lhe désseis a vida do esposo de sua filha — e o rei Augusto não seria surdo ás vozes do infortunio. — Senhor, é a vida do meu esposo que vos peço, que vos peço de joelhos — que vos peço pelo que ha de mais santo, pelo que tendes mais precioso e mais caro.

AUGUSTO

Levantai-vos, Senhora — bem me custa ver-vos assim a chorar sem poder enchugar vossas lagrimas!

NAMRY

Porque o não podeis, Senhor — é vossa a prisão —

é vosso o carcereiro — os soldados que o gardam, são vossos ; os ferros que o prendem são vossos. — Uma palavra só, e elle será livre e feliz — e eu agradeça e contente, e vós satisfeito com a ventura que fazeis nascer. — Como é bello ser rei para fazer o bem, — livre e grandemente — para ter palavras que dão vida e alegria. Meu Deos, como poderia eu resistir a quem me pedisse a vida de uma creatura?

AUGUSTO

Pedi outra cousa, Senhora Duqueza.

NAMRY

Nada mais, Senhor, nada mais que a vida do meu esposo e sereis para mim como um Deos. — Que mal vos pôde elle fazer? elle que vos amava tanto. — Que mal vos pôde fazer — ver-nos alegres e felizes — quando vos devermos alegria e felicidade?

AUGUSTO

Não alcançareis nada, Senhora Duqueza : — quanto vos podia dar, eu vol-o offereci — nada mais tenho que vos sirva.

NAMRY

Senhor, como vos hei de eu fallar para vos mostrar que me podeis fazer o que vos peço, que m'o deveis fazer — Senhor. — Senhor não vos incommoda acaso ver em roda de vosso throno um rio de sangue? — Vós me pareceis tão bom, rei Augusto. — Podereis acaso pensar tranquillamente de que ás tantas horas um homem será de menos — e isto porque vós o quizestes — porque vós mandastes — Senhor? — Tende piedade de mim!

AUGUSTO

Elle tem de ser entregue a Carlos XII.

NAMRY

Por Deos, Senhor — por Deos — não façais tal — sabeis vós que é um verdadeiro assassinato — que elle o mataria sem compaixão nem piedade — esse homem de sangue e de carnagem — vós o não fareis, rei Augusto — Carlos XII tambem é vosso inimigo cruel, que vos tem perseguido e ultrajado vergonhosamente. — Quereis condescender com elle, rei Augusto — quereis dar-lhe o vosso amigo em recompensa de vos haver roubado a vossa Polonia. — Vós o não fareis. — E depois não podeis sem deshonra tocar na cabeça de um embaixador. Tencionais fazel-o, Rei Augusto.

AUGUSTO

Já vos disse que elle era um rebelde.

NAMRY

Rei Augusto, o que ides fazer era de mais para deshonrar um homem. — É uma cousa verdadeiramente baixa — um rei ser constrangido por outro rei como um escravo — dois reis que se ligam para perder um homem. — Não é isto uma cousa vil e infame?!

AUGUSTO

Duqueza, não falleis de razões que mal podeis comprehendereis.

NAMRY

Nada mais vos direi. (*Indo para sáhir.*)

THEATRO

AUGUSTO

Vejamos, Duqueza, ainda uma vez, pedi-me uma coisa qualquer que seja e eu vol-a farei — não, eu não quizera que vos fosseis descontente comigo.

NAMRY

Deos Guarde a V. M. (*Sahe.*)

SCENA III

AUGUSTO, *depois de um momento de silencio.*

Acaso um dia se levantará a voz da posteridade para dizer que o rei Augusto foi um traidor e um cobarde — traidor! e cobarde! Fleming?

FLEMING

Senhor!

AUGUSTO

Quero que Patkull viva.

FLEMING

Mandai pedir a sua graça a Carlos XII.

AUGUSTO

São 6 horas. — Às 9 um correio póde estar em Korigst — e Patkull será livre.

FLEMING

Às 8 horas já deverá estar em poder de Carlos XII.

AUGUSTO

É já tarde. (*Cahindo n'uma cadeira.*)

ACTO IV

PERSONAGENS

PATKULL.

SALTZ.

WOLF.

PAIKEL.

ACTO IV

*Um carcere escuro com uma grade de ferro — uma
mesa antiga e velha — uma cadeira.*

SCENA I

PATKULL

Como é triste uma prisão — como este silencio é cheio de pavor e de triteza. — Aqui estou — eu, só eu, sepultado — eu, sem vida quando carecia tanto d'alguem que me fallasse, de alguem que eu escutasse a cada instante — de alguem que me enchesse o coração de socego e de harmonias. — Nada, nada sinto em torno de mim mais do que o silencio, como o de um cemiterio, que me gela o sangue nas veias — que me ennoitece a fantasia — só por vezes o coração me arqueja e pula — como que acordasse — ainda em vida — ao derradeiro som da pedra que lhe esmaga a vida. — Meu Deos! — Morrer assim seria passar a eternidade transido e desesperado. — Morrer! porque tantas vezes penso nisto? — não tenho eu tão vivo o sentir que bastaria para viver

mil annos? — como é possível morrer com tanto amor. E no emtanto foi o meu primeiro pensamento quando me vi preso — meu primeiro pensamento quando passei o umbral desta porta. — O ultimo quando só me deixaram — quando se fechou aquella porta — quando o som de passos se foi sumindo longe — mais longe — por entre as abobódas dos corredores — mais longe como uma chimera. — Morrer — (*Andando — pára — cruza os braços no coração.*) Morrer agora! — Vamos, que me aproveita sonhar torturas e tormentos?

Muitas vezes fatigado d'alma e corpo succumbi ao canção e dormi. — Negras imagens esvoaçaram por minha alma perseguida por uma idéa — meu coração gemia amargurado sob terrível pesadelo, e as bagas de suor corriam por todo o corpo. — Despertava emfim. Eu via a lua, que enfeitava o azul dos céos de Italia, a terra bella e perfumada — e o mar que vinha preguiçoso beijar os pés de Napoles. — O Vesuvio além cuspidando o fumo como sombrio pennacho de guerreiro — porque não haverá também — quando os olhos vigiam — desses pesadelos do espirito, horriveis em sonho — mas fagueiros — mas bellos na realidade. — Oh! quem me dera respirar o ar fresco e puro que agora lá por fóra adeja e sussurra na folhagem. (*Chegando-se à janella.*) — Quantas vezes não vi eu a lua branquear este céu — vinha então espalhar neste silencio da noite tão amigo — o muito do que eu sentia. — Era a noite tão bella como agora — talvez menos — porém não tinha diante de mim estas grades de ferro, que me offendem a vista. — Namry — meu amor — minha alma — meu anjo tão puro e tão bello, se na terra existem anjos — quem me dera ver-te como sempre — formosa

e pensativa — como um anjo na terra se lembra de melhor patria. Namry — Oh! pudesse eu quebrar estes ferros — e ir d'aqui lançar-me nos teus braços — Namry — pudesse eu ver-te uma vez sequer, uma vez nesta vida e na outra a eternidade. — Vem Namry — vem — eu serei calado e mudo bebendo a vida dos teus labios — bebendo o amor dos teus olhos. — Vem, cantar-me-has essa cantiga tão singela que tanto me aprazia ouvir-te. — Essa toada dos campos de amor e de ternura da mulher tão extremosa — longe de quem ama. — Oh! quantas vezes a terás soluçado involuntariamente — desde que eu te deixei de ver — e eu dera a vida para ouvil-a — dera tudo menos o meu amor! (*Fica mudo e pensativo.* — *Entra Saltz.*)

SCENA II

O MESMO e SALTZ

SALTZ

Como ides, senhor.

PATKULL

Bem, Saltz — muito bem — melhor do que eu esperava passar n'uma prisão.

SALTZ

Certo — bom senhor — que não estareis aqui tão bem como no vosso palacio de Livonia — sempre é uma prisão — uma cousa bem feia e bem lugubre, que até me entristece a mim que não sou nem preso, nem condemnado. — Não posso dar um passo sem

surprender lagrimas que vacilam nas palpebras — ou desespero insano de quem nada espera. — Nos corredores por onde passo — atravez das muralhas dos carceres transundam suspiros e agonias — vozes, que se lamentam — que se enfurecem — ou que choram truncadas e sem força — que é dôr do coração ouvil-as tão sentidas. — Quando me deito, choro por esta pobre gente com quem tenho por dever de parecer rigoroso — e quando acordo sinto o rojar de grilhões do que vela toda a noite nas trévas e suspiros.

PATKULL

Bom Saltz.

SALTZ

Bom — senhor — bom — mais do que devo e menos do que m'ô exige a consciencia. — Eu vim para este inferno com a alma pura — sem remorsos, sem pezares. Alegre e satisfeito dormia e acordava feliz, por que vivia, por que sentia a vida — e hoje — bem vêdes que vos entristeço em vez de vos consolar, como eu tanto desejara — por que me parece que é máo quem se emprega neste officio — e tenho pezar de tanta vida que se perde — de tanta alma arrancada do corpo com violencia.

PATKULL

Teu emprego é triste, Saltz.

SALTZ

E quando ás vezes tomamos amor a um preso — por que o conhecemos generoso e bom — quando o amamos como se fôra um parente — uma parte da nossa

alma — e sabemos que ha de morrer — que tem de morrer ás mãos do carrasco em dois dias — em duas horas! e não ter força para o salvar, quando dariamos a vida por elle?! — é triste, bom senhor — é triste para quem pensa — para quem sente: — para o que morre — algumas horas — e para o que vive a vida inteira!

PATKULL

Tens razão, Saltz — Talvez que eu te poupe esse dissabor — que tanto te penalisa.

SALTZ

E quem pôde contar com a vida?

PATKULL

O coração, Saltz — ha esperanças, que não mentem, ha illusões, que são esperanças. — Ha convicções de que não podemos separar d'uma creatura máo grado a violencia — Tenho essa esperança — essa convicção profunda. — Deixal-a? — não vêes tu que é impossivel.

SALTZ

E o que ha impossivel para Deos, senhor?

PATKULL

A injustiça — a crueldade — a falta de misericordia — tudo o que obsta ao amor e á fé — tudo, porque Deos é o amor — é a vida, Saltz — é a esperança.

SALTZ

Deus vos ouça — que lh'ô peço de todo o meu coração — porque vós sois bom, senhor — Careceis de alguma cousa?

PATKULL

Não Saltz, deixa-me só.

SALTZ

E se alguém vos quizesse fallar?

PATKULL

Quem se lembra... Wolf!

SCENA III

*Wolf corre para elle — vai para lhe beijar a mão —
Elle o impede — e o abraça*

PATKULL

Wolf já me esquecia de ti, bom pagem — bem hajas tu que tão gostosamente me vieste surpreender?

WOLF

Não tanto como pensais — meu bom amo.

PATKULL, *encarando-o.*

Pois não vieste só para ver teu pobre amo — que geinia aqui sósinho. — Tirante uma pessoa, Wolf, eras a quem mais desejava ver — Não me trazes novas d'alguem?...

WOLF

Tristes novas, senhor.

PATKULL

De quem, Wolf?

WOLF

Da Duqueza.

PATKULL

Morreu a Duqueza?

WOLF

Vive.

PATKULL

Está doente? falla Wolf — está doente, talvez proxima a morrer? porque m'o não disseste mais cedo — que já agora estaríamos em caminho.

WOLF

Está boa.

PATKULL

Oh! pódes então fallar, meu amigo.

WOLF

Meu tio!

PATKULL

Deixa-nos por um pouco, Saltz.

SALTZ

Não quereis ficar só?!

PATKULL

Não, Saltz — não — quero primeiro ouvir teu sobrinho — e quando voltares, por ventura que me encontrarás mais venturoso, do que o condemnado a quem annuncias salvação.

SALTZ

Deos o queira.

PATKULL

Pobre velho que já não vê na vida um raio de esperança. — (*Pensa.*) Que me dizias tu, Wolf?

WOLF

Meu bom amo. (*Lançando-se nos braços delle.*)

PATKULL

Que tens tu ?

WOLF

Nada, senhor, nada.

PATKULL

Porque choras, pagem !

WOLF

Eu não quizera mortificar-vos, senhor.

PATKULL

Dize — Wolf — porque assim choras — o que te aconteceu, não vês que esse teu silencio me afflige ?

WOLF

Porque me deixastes vós n'aquella casa, senhor, quando eu vos pedia que me trouxesses convosco ?

PATKULL

Que ? fizeram-te mal ?

WOLF

Senhor — não, mas não veria eu tanta traição.

PATKULL

Contra quem, Wolf ?

WOLF

Contra vós, senhor — contra vós mesmo.

PATKULL

Vamos, Wolf, endouceceste depois que me soubeste preso.

WOLF

Contra vós, e era o vosso amigo !

PATKULL

Paikel !

WOLF

E a vossa noiva.

PATKULL

Namry! — porque me exalto! um delirio de criança.

WOLF

Foi Bertha quem m'o disse.

PATKULL

Mentiu, Wolf !

WOLF

E eu que o vi ?

PATKULL

Viste ! que viste tu ! Porque me appareces aqui ? — quem te chamou, Wolf ? — Infame ! sabes tu que eu, preso como estou, posso fazer saltar sobre estas paredes teu sangue e cerebro ? que eu te poderia estalar a vida, calcando aos pés teu corpo ? Tanta mentira em tanta juventude !...

WOLF

Eu vi. (*Chorando.*) E disseram-me que Paikel vos mandára aqui para o cadafalso.

PATKULL

Paikel — oh ! sim, foi elle quem instou comigo para que accitasse este maldicto emprego : foi elle quem mendigou por mim esta maldicta embaixada — foi elle... (*Pára de repente — encara seriamente Wolf — vai serio pára Wolf — pega-lhe nas mãos.*) Wolf — um malvado póde se aproveitar da tua innocencia e fazer-te perpetrar um crime — uma violencia — Podem ainda illudir-te com esperanças de riquezas —

de palacios — de jogos — de prazer, que fariam cahir um anjo — Wolf — dar-te-hei riquezas, como nunca podeste imaginar — riquezas, com que podes comprar prazeres e venturas — riquezas, que te assegurem um futuro real e brilhante — Mas affirma que isso que disseste é uma mentira — uma calunnia, que algum te suggeriu — Dize Wolf —! bem sabes que sou teu amigo! porque me querias tu enganar?

WOLF

Disse a verdade.

PATKULL, *com violencia — apertando-lhe os braços com força.*

Disseste uma mentira.

WOLF

Ai! que me matais.

PATKULL, *atirando-o para longe.*

Criança — Oh! que não sejas um homem! — Maldicto sejas tu — mataste-me a fê — e o coração — mataste-me o que eu tinha de mais sagrado e inestimavel — ingrato que assim pagas quanto hei feito por ti — vai-te — vai-te — é nem mais te eu veja — mensageiro do inferno. (*Wolf sahe. Elle cahe sobre uma cadeira. Põe as mãos nos olhos e fica mudo.*) Namry — eu te amava tanto — Paikel. (*Levantando-se e gritando furiosamente.*) Paikel — Oh! não ter um instante só de liberdade — um momento — um nada!! — Infame. (*Rindo.*) Que mal fiz a esta gente, para que assim me martyrisem — eu os amava tanto!! Meu coração era della — meu sangue era delle — de ambos elles minha vida! Que mal lhes pude fazer? (*Pensa.*) Wolf era um bom pagem — n'aquella idade não se fingem lagrimas — e a mentira não roça os

labios da innocencia. — Bertha tinha ciumes. — O ciume vê muito, vê longe. — É certo! Porque deixou Paikel seu negro Laboratorio — porque? — quando o demonio deixa as trevas não é para vir no jardim do paraíso alliciar a creatura innocente? Não me disse elle que já se conheciam! — E porque me podiu elle um logar secreto para a conferencia senão porque sabia que seria em casa della? Que empenho tinha de me ver segunda vez envolvido neste vortice de guerras e de interesses, senão para se ver só com ella!

(*Ouve-se o rangir de uma fechadura, que se abre. — Patkull senta-se e vira as costas para a porta.*)

SCENA IV

Entra Paikel em trajés de criado do carcere com um cesto.

PAIKEL

Aqui tendes comida —

PATKULL

Está bom.

PAIKEL

Quereis alguma cousa?

PATKULL

Não; podes-te ir.

PAIKEL

Como sois triste!

PATKULL

Está bem!! está bem!! podes-te ir.

PAIKEL

Não vos lembra d'algum ?

PATKULL, *estremece — olha repentinamente para elle.*

Oh ! lembrava-me de ti.

PAIKEL

E não me esperavas ?

PATKULL

Sim, eu te esperava.

PAIKEL, *chegando-se para elle — e estendendo-lhe a mão, — Patkull recúa.*

Bem me custou chegar a ti ; — e quasi que a tua e a minha esperança seriam baldadas.

PATKULL

Mas eu te esperava.

PAIKEL

E tinhas razão, esperavas um amigo.

PATKULL

Não, mas a ti — Paikel. — A victima que morre tem dôres, que regosijam o coração do sacrificador — o coração tem tormentos, que são como delicioso manjar de vingança — e olhos de homem que vertem lagrimas, tem magico attractivo para o homem que as faz verter. — Perder occasião de espreitar dôres — lagrimas e tormentos — oh ! era suppôr-te bem pouco exquisito de gosto — tu viestes — eu te esperava.

PAIKEL

Vim para te salvar.

PATKULL

Oh ! melhor — melhor ainda. — Quem morre —

morre uma vez — já se não sente — era pouco. — Era mais horrivel ter vida — sentir a morte a cada hora, a cada instante — a cada instante dôres peores que a morte — que desesperam, que enlouquecem. — É mais deleitavel ! mais bello ! tens razão de me queres salvar — Paikel.

PAIKEL

Não te posso entender ! Patkull. — Depois fallarás á tua vontade — dir-me-has o que quizeres — o que te aprouver dizer — mas hei de primeiro salvar-te — porque eu dei a minha palavra que voltarias são e salvo.

PATKULL

És um homem de palavra, Paikel !

PAIKEL

Salvar-te-hei, Patkull. — Algumas horas mais e será noite. — Brevemente os soldados de Carlos XII tomarão conta deste castello.

PATKULL

Bem o sei.

PAIKEL

No meio desta mudança poderás passar despercebido — levarás esta farda de lacaio, que me poude conduzir até aqui — e que de certo te porá fóra, incolume e salvo.

PATKULL

E irei ter com Namry, não é assim, Paikel.

PAIKEL

Irás onde quizeres, Patkull.

PATKULL

Dir-lhe-hei. « Paikel é um amigo nobre e honrado :

conduziu-me á borda do meu precipicio, atirou-me nelle e depois como lhe sobreviesse um resto de compaixão, estendeu a mão a quem já não tinha esperanças de vida — e que endoudeceria de as ter.

PAIKEL

Dir-lhe-has de mim o que quizeres, depois de te haver salvado — Patkull.

PATKULL

E concluirei, dizendo; vosso amante é um homem grande e generoso. — Podeis ser orgulhosa de ter um amante assim.

PAIKEL

E quem te disse que eu a amava?

PATKULL

Porque me aferrolhastes n'uma prisão? Porque me mandastes talvez me apparelhar um cadafalso?

PAIKEL

Patkull, quando instei contigo para que acceitas- ses este maldicto emprego — por minha alma que não havia uma sombra de risco ou de perigo. — Eu dei-te a minha palavra, e serás salvo.

PATKULL

Obrigado.

PAIKEL

Não ha tempo para nos mostrarmos arrenegados. — Patkull dentro de algumas horas já a tua evasão será impossivel. Troquemos trajas — tu serás o moço do carcereiro — e eu serei o preso.

PATKULL

Não — vale mais que eu fique.

PAIKEL

Patkull — salva-te — salva-te, porque o podes fazer por amor de ti, senão por amor de mim — salva-te por Deos. — Oh! tu não sabes como eternamente me pesaria sobre a coração a lembrança de que fui eu o que a meu amigo matei de morte afrontosa e de tormentos.

PATKULL

Estranha compaixão!! E não sabias tu que eu a amava — Paikel?

PAIKEL

Por Deos — não nos demoremos com vagares imprudentes — Patkull — fui culpado — fui criminoso — fui vil — fui infame — fui máo amigo — o que tu quizeres. — Mas salva-te por amor della — Patkull — e por amor de mim mesmo. — Não me acreditarias agora por mais que t'ò eu dissesse. — Mas salva-te — salva-te por amor dessa nossa amizade tão antiga — tão extrema — tão sincera — salva-te — Patkull — e um dia terás piedade do teu pobre amigo, que comprou bem caro o extravio de um momento — salva-te.

PATKULL

Porque me não deixas acabar em paz!

PAIKEL

Patkull — porque és tu tão severo? Meu amigo. Oh! deixa-me chamar-te por este nome tão suave, que tantas vezes me deu allivio e prazer! — Meu amigo, se soubesses quanto tenho soffrido para chegar até tua presença... Dormi ao frio e ao relento sobre a terra — com a cabeça sobre uma pedra defronte

deste castello — a pensar no meio de salvar-te — via lá de fóra a tua sombra que me intercortava a luz de espaço a espaço, e eu chorava por ti — e só por ti — meu amigo — Oh! por Deos te peço — foge e deixa-me aqui sósinho — deixa-me — mas salva-te.

PATKULL

E elles te matarão!

PAIKEL

Oh! que me importa a morte? Morrer, Patkull, morrer por ti, era a ventura derradeira, que me seria dado desfructar sobre a terra. — Nada tenho, nada me resta — não — nada — nem quem vá orar sobre minha sepultura — nem que possa sentir escurecida a vista com lagrimas, vendo pender do infame cada-falso os restos do infeliz Paikel. — Oh! Dá-me este prazer, Patkull — bem sei que não t'o mereço — que nada te posso pedir. — Porém tu podes ainda contar com o amor, com a gloria, com a fortuna.

PATKULL

Crês-tu?

PAIKEL

Morra quem ja não sente uma esperança, para quem morreu a vida e coração — para quem nada mais sente do que o infortunio.

PATKULL

Ficarei, Paikel.

PAIKEL

Barbaramente me punes, Patkull — foge — foge, meu amigo — eu t'o supplico de joelhos, e com lagrimas pelo que mais veneras neste mundo — pelo que tens no outro de esperanças — d'amor.

PATKULL

Não — Paikel, — para que viver — estou cansado de lutar, cansado de soffrer — cansado de quanto me sorria. — Deixa-me pois. — Levanta-te, Paikel — quem sabe se não ha uma força no mundo — que impelle os homens para um fim — forçosamente — irresistivelmente — Cumpriu-se o nosso fado. — Não tens culpa talvez foste instrumento e não causa do que me está preparado — seja como for — bem vês que não te culpo — não te crimino — nada te peço — porém vai-te e sê feliz — se o puderes.

PAIKEL

Então morrerei contigo.

PATKULL

Para que? — Que importa um nada depois da vida que morramos sós — ou acompanhados de mil homens? (*Ouve-se estrepitos de soldados.*)

PAIKEL

Foge, Patkull, em quanto é tempo, foge. — D'aqui a nada seria inutil o arrependimento — serão inuteis queixas, rogos, prantos. — Foge. — Tu amas, Patkull — tu és amado ardentemente — como só tu merecias sê-lo. — Foge ao menos por amor della — e nem terás que temer um rival que, antes de muito pouco, já não existirá. — Foge por Deos. Ja sinto o rumor dos soldados que se approximam — os soldados de Carlos XII — do teu inimigo, do matador de teu pai — de tua familia, que daria sua corôa para te haver ás mãos. (*Entra Bertha — coberta de preto — a porta fica aberta e elle continua.*) Vive ao menos para tua vingança.

SCENA V

Os MESMOS e BERTHA

BERTHA, *à parte.*

Bem me comprehendem.

PATKULL

Meu pai! (*Continua.*) Por muito tempo me tenho esquecido do muito que os vi soffrer — vamos, Paikel, vingarei meu pai, que morreu n'um cadafalso — minha mãe, que morreu de miseria n'um calobouço immundo. (*Agarra na mão de Paikel — com força e vai a voltar-se.*) Fugamos.

BERTHA

Ainda não, senhor!

PATKULL

Meu Deos. (*Apparecem os soldados á porta. — Ella descobre-se e aponta para Paikel.*)

BERTHA

Bem vêdes que é um traidor, predeei-o!

(*Cahe o panno.*)

ACTO V

PERSONAGENS

PATKULL
NAMRY
UM PADRE
SOLDADOS

ACTO V

O mesmo carcere — e mesmo arranjo de scena.

SCENA I

PATKULL

Meu pobre coração?! eu, mesmo eu te desconheço — o que viste tão coitado não são lagrimas — é fel — é sangue! — Meus amores tão lindos, que são delles?! Que é da amizade tão grande que encerravas?! De tão nobre sentir o que te resta, meu pobre coração?! Eu amava!! amava o meu amigo, a minha amante — e elle vendeu-me — e ella meu Deos — e ella?! era della meu sangue, meu coração — minha alma — era della o pensamento — o prazer — a tristeza — tudo — só por ella vivia — só por ella e para ella. — Que lhes fiz eu?! Paikel?! que de vezes me chamaste teu amigo — mentias tu então?! porque me trahiste, meu Paikel — porque? Oh! que se me dessem um reino — e agora mesmo, se me dessem a liberdade — se alguém no mundo me podesse dar o engano de outros tempos — a illusão e brilhantismo do primeiro amor...

para que te eu trahisse — talvez — talvez que o não fizera — e tu?! Mas eu me calarei sobre ti — pobre amigo que te perdeste e me perdeste contigo. — Não inquietarei tua sombra, Paikel. Os homens te mandaram para Deos — morreste. — Não, não serei eu que pôrei na balança da justiça eterna traição tão feia e má.

Não serei eu — bem que tudo me roubaste — o amor e a vida — o amor que era o meu paraíso — que era meu thesouro — thesouro de avarento — thesouro inesgotavel de venturas, que ella enfeitava. — E a vida só para a gastar com ella — só com ella — aos pés della — para a vêr sempre com um sorriso nos labios, ou com lagrimas nos olhos — Namry — bella estrella — pharol tão meigo de esperanças — bello anjo de luz — tambem tu me podeste trahir — Namry?! a mim que te amava tanto. Oh! que só por ti me peza deixar a vida — que serás tu sem mim?! Agora que eu já sinto a morte esvoaçando sobre a minha cabeça — não me peza deixar a vida — mas peza-me deixar-te a ti que eras meus amores. — Mas porque choro assim? Não — não saberá ella que a chorei no agonisar da vida — não saberá que talvez de mim se rira orgulhosa! Ella a escarnecer-me — a rir-se sobre o meu sepulchro — a insultar-me no cadafalso — no cavalete, quando me ralo com dôres! Que mais me poderás tu fazer!! Dir-me-has talvez que me não amavas. — Demais o sei! Meu Deos! Meu Deos! (*Cahe sobre a cadeira.*)

Porque me esqueci eu de meus pais? certo que a morte seria então bella, chorada por todo um povo. — E que me importa um povo!!

Loucuras que eu afaguei no entrar da vida — chimeras que se me esvaem no entrar da morte.

Louco o homem neste mundo que diz na sua consciencia : eu salvarei tal povo.

Louco o homem que diz : eu tenho um amigo — que é meu sangue — meu corpo. — Louco o homem que diz ; eu tenho uma amante pura e bella como um anjo — uma mulher que é minha alma — louco porque o povo está embriagado na sua vilania — porque o amigo é falso — porque a mulher é vibora. — Oh! não ter alguns dias mais para assistir tranquillo ao espectáculo de tanta baixeza — queria me rir do que se julga um libertador — do que conta com a fê do amigo — e com o amor da amante. — E que mais merecemos nós do que desprezo ou riso — credulos como somos?

Não — mais vale morrer. Depois de tantas esperanças só nos resta a morte em ultima recompensa. — Quem me dêra morrer — morrer com dôres, que me façam esquecer o muito do que eu soffro! Morrer, que talvez debaixo da lousa fria d'um sepulchro não pulse o coração.

SCENA II

Abre-se a porta. Aparece um padre.

O PADRE

Senhor.

PATKULL

Bemvindo sejas, meu padre.

O PADRE

Como ides?!

PATKULL

Mal — muito mal — porém sinto que serei melhor quando me houverdes fallado — porque se para outro podiam ser fataes palavras — serão para mim de contentamento.

O PADRE

Presumpções do que vive sempre falham, meu filho, as esperanças mentem, quando se não espera a morte.

PATKULL

Eu a espero, meu padre.

O PADRE

Que esperais?...

PATKULL

Sim —, meu Padre — espero a morte — espero-a breve — desejo-a como se poderia desejar a vida. — E que Deos me perdoe esta esperança se resume um peccado.

O PADRE

Muito me apraz encontrar-vos neste estado — o que soffre encontra a graça do Senhor, que só consola áquelles, que o mundo não pôde consolar. — Porém se não tendes apego á vida, tambem a não aborreceis, que o aborrecimento é máo conselheiro — como vós tambem soffri, tambem vaguei no mundo ás tontas, e em bem que o conheci — são mil caminhos enganosos, orlados de flôres — banhados de perfumes — onde comtudo crescem cardos e os espinhos brotam; e a ovelha mansa, que se desgarrado do rebanho do Senhor — deixa nos cardos e nos es-

pinhos a maior porção de lã tão alva e fina, e não encontra o pasto que deseja. — Somos todos nós como a ovelha imprudente — e porque não trilhamos a senda da verdade — aborrecemos tudo, bem que de tudo não tenhamos sciencia.

Que merece a vida — sonho mais ou menos longo — alegre ou triste — é como o fumo que um leve sopro do vento espalha nos ares.

PATKULL

Como fallais bem, meu Padre.

O PADRE

Talvez vos peze deixar a vida pelo que deixais com ella!

Quem não sente o amor na vida? quem não sente a amizade? — E o amor e a amizade são ouropéis quando não manam do Senhor. Bem felizes aquelles, que morrem enganados! — Talvez amastes — mas o que não sabeis é que a humanidade é fragil, e os affectos movediços como a grympa do campanario.

PATKULL

Tendes razão.

O PADRE

De tudo vos deveis esquecer, para que o Senhor seja comvosco. — Em breve tereis de apparecer na presença de Deos — segundo o crêr dos homens. — Trabalhai pois para que a morte vos não encontre desprevenido — porque lhe não podeis dizer pára. — Preparai-vos.

PATKULL

Preparado me achais.

O PADRE

Talvez não tanto como será mister; dir-vos-hei, por que não fraqueis quando carecerdes de toda a vossa coragem : — vossa morte tem de ser horrivel.

PATKULL

Como quizerem.

O PADRE

Cheia de ignominia.

PATKULL

Seja.

O PADRE

E de tormentos.

PATKULL

Seja tambem.

O PADRE

Serão vossos escriptos queimados.

PATKULL

Já o foram.

O PADRE

Vosso brazão espedaçado pelo carrasco.

PATKULL

O mais nobre talvez que elle terá espedaçado.

O PADRE

Sereis depois rodado.

PATKULL

Que seja breve.

O PADRE

Não ! querem-vos paciente por muito tempo — ainda em vida tereis a cabeça despedaçada.

PATKULL

Em bem ! que eu já desesperava de morrer.

O PADRE

Sereis depois esquartejado e vossos membros pendurados nos quatro pontos da cidade. — Tal é a sentença de Carlos XII.

PATKULL

Carlos XII — Carlos XII. — Oh ! porque me fallais nesse homem ? já que tanto me tenho esquecido ao menos me podereis deixar morrer sem ouvir pronunciar o seu nome.

O PADRE

Tal odio ás bordas do sepulchro !!

PATKULL

Meu padre, dizei-me : Não é verdade que o filho tem dever de defender a vida do pai ?

O PADRE

É um dever reciproco de um para com outro, e do homem para o homem.

PATKULL

Não terá elle direito de vingar sua morte ?

O PADRE

Não — que a vingança é do que nega a Providencia.

PATKULL

Crêde-o vós ? Oh ! é porque não sabeis como meus pais morreram de miseria — por culpa de um homem.

O PADRE

Bem sei vossa historia.

PATKULL

E acreditais que elle me perdoará nos céos de o ter esquecido por tanto tempo ?

O PADRE

Porque não ?

PATKULL

Oh ! sim, porque não ? um pai não se esquece de seu filho — e de mais tenho eu soffrido para impetrar o seu perdão — soffri muito talvez, porque de tudo me esqueci para me lembrar só da gloria e do amor. — Oh ! meu padre que se a vida é fonte de venturas, não o foi para mim — que só achei tropeços e calamidades. — E hoje, quando me lanço na historia do passado — não encontro um quadro feliz em toda a existencia — que não tenha o acre do desengano. — Busquei o amor e a gloria. — E o amor trahiu-me e ennegreceu os ultimos instantes da vida que a gloria me faz perder no cadafalso e na vergonha.

O PADRE

Consolai-vos que o soffrer é dos homens — não se vos dê do passado — melhor para vós se elle foi aspero e terrível, porque o não chorareis no passar da inquietação da vida para o socego do tumulo.

PATKULL

Não serei eu quem a chore !

O PADRE

Estais preparado ?

PATKULL

Já vol-o disse.

O PADRE

Então — adeos, meu filho.

PATKULL

Adeos, meu Padre.

O PADRE, *pega-lhe nas mãos.*

Bem me custa separar-me de vós — muito — mas não quiz Deos que o homem visse a dôr do seu semelhante, sem que despontasse em seus olhos uma lagrima de sympathya.

PATKULL, *abraçando-o.*

Bom padre.

O PADRE

Adeos, meu filho. (*Vai-se.*)

SCENA III

PATKULL

Bom padre — como se compadeceu de mim ? E se elle soubesse o que encerra este meu peito, se elle o soubesse ? Oh ! não derramaria lagrimas, não — porque lagrimas não bastam para o que soffro !! E eu morro sósinho e abandonado na morte, como na vida — Namry !! sempre este nome ; ao menos praza a Deos que della me não recorde noutra vida. — Oh ! se ainda a pudesse ver uma vez ? ! Bem sei que foi falsa, que

me enganou : não virá, não. — Que lhe importa Patkull que morre, e se alguém chora, certo que não é por mim.

SCENA IV

PATKULL e NAMRY

Patkull sentado com as mãos na cabeça

NAMRY, *Entra e vai correndo para elle.*

PATKULL (*Desperta, encara-a — fica assentado — e ella pára.*)

Sou eu — não me conheces, Patkull — elles me concederam este momento, para que te eu visse antes da tua morte !! não me conheces ?!

PATKULL

Namry, (*Abraça-a, beija-a muitas vezes*) tardaste tanto !...

NAMRY

Quiz ver se te salvava.

PATKULL

E elles disseram que tu não me amavas — Namry — e eu acreditei-os — sim — tu m'o perdoarás — tão boa que tu és — tu te lembraste do pobre homem, que morria, Namry — oh ! bemdicta sejas tu — e possas ter na hora da tua morte a felicidade que me fazes experimentar — meu anjo !

NAMRY

Porque te não pude eu apreciar de mais tempo ?

PATKULL

Tu me amas.

NAMRY

Não mereço o teu amor.

PATKULL

Oh ! dizes bem — não respondas — Namry — não me respondas, que me seria cruel tua resposta : Deixa-me acreditar que vieste aqui por amor e não por piedade. — Deixa-me acreditar que foi mentira o que me disseram de ti — deixa-me acreditar — para que morra consolado.

NAMRY

Porque te matam tão cedo !

PATKULL

Não é cedo, é tarde. — Eu quizera morrer aqui nos teus braços deixando no teu peito meu ultimo suspiro, e gravando na memoria o teu nome intercortado, que acabar não poderia.

NAMRY

Porque morres agora — ah ! se podesses viver — se podesses viver — Patkull, se o podesses — então talvez que eu fizesse esquecer a minha ingratidão doutros tempos e o faria : Dar-te-hia amor — não como o teu que não podera — mas alma e coração — eu t'osdaria e o que fosse em meu poder fazer-te — para te alegrar a vida e o pensamento — eu o faria por gratidão, por amor e por mim mesma, Patkull !

PATKULL

Não vês que eu choro ? !

NAMRY

Choras a vida que é tanto para ser chorada — quando como a tua se empregou em obras de merecimento e de virtude.

PATKULL

Não — não choro a vida. — Muitas vezes me vi no campo da batalha — vi a morte pairar sobre mim em nuvens de fumo e de pó, calquei meus companheiros inda quentes — e não chorei — não choraria a vida — não — mas choro por te deixar — e conheço todavia que o devo fazer porque a minha Namry de hoje talvez que amanhã a não encontre.

NAMRY

Sempre eu — sempre a tua Namry — Patkull. — Tua Namry — desgraçada — que eternamente será viuva sem nunca ter sido esposa. Também me não peza de ficar só — que te não merecera — mas peza-me deixar-te, Patkull.

PATKULL

Namry.

NAMRY

Meu Patkull !

PATKULL

Namry — vive feliz e venturosa — que eu morro — morro com saudades tuas — e serei feliz se depois da morte acudirem lembranças do passado por saber que me choravas depois de morto — por ter visto que choravas a minha morte.

NAMRY

Meu bom Patkull.

PATKULL

Namry — olha, eu tenho um pagem — tu o conheces, talvez que ha pouco com palavras mal pensadas offendesse o meu pobre pagem. — Toma-o para te servir — Namry — que é fiel e honrado — muito me amava e é uma divida que pagarás por mim.

NAMRY, *Nos braços d'elle* — chora. —

SCENA V

SOLDADOS e os MESMOS

SOLDADO

Temos ordem de vos levar d'aqui.

NAMRY

Já ! Já ! meu Patkull.

PATKULL

Coragem, Namry !

NAMRY

Oh ! eu teria coragem — mas que ao menos por um momento mais me deixassem contigo !

PATKULL

Tem de ser já.

NAMRY

Oh ! como sois cruel — Patkull ! — meu Patkull — meu amigo tu não me deixarás, não — eu morreria sem ti.

PATKULL

Namry — meu amor ! — meu anjo — deixa-me partir (*Abraçando-a e beijando-a.*)

O SOLDADO

Diziam-nos que ereis valente !

PATKULL

Não vos mentiram.

O SOLDADO

E chorais !

PATKULL

São lagrimas nascidas de um coração que ama — nunca as derramei no travado das pelejas, nem ora me opprime e acabrunha o aspecto da morte !...

O SOLDADO

Apressai-vos. O tempo urge !

PATKULL, *abraçando Namry.*

Adeos ! Namry ! (*Arrancando-se dos braços della.*)

NAMRY

Meu Patkull ! Ah ! (*Cahe, Patkull retira-se entre os soldados.*)

(*Cahe o panno.*)